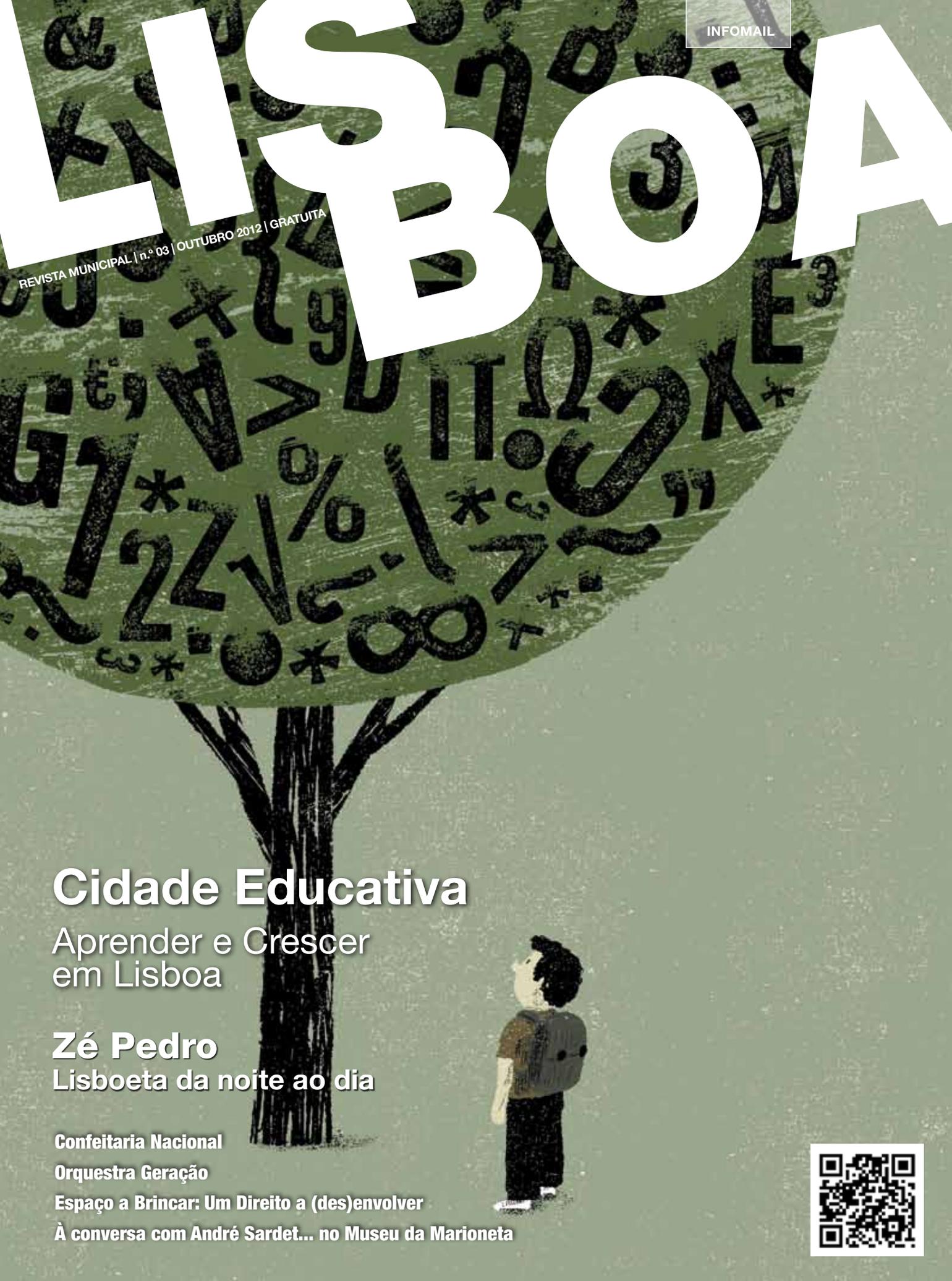


LISBOA



Cidade Educativa

Aprender e Crescer
em Lisboa

Zé Pedro

Lisboeta da noite ao dia

Confeitaria Nacional

Orquestra Geração

Espaço a Brincar: Um Direito a (des)envolver

À conversa com André Sardet... no Museu da Marioneta





2

19



15

22



12



43

28



32

46

2 na cidade

- 2 Cidade Educativa
- 6 Quinta Pedagógica dos Olivais | Baixa de Lisboa vai ter escola e jardim infantil | Escola Ciência Viva
- 7 Desporto formar campeões para a vida | Passaporte Escolar | Programa de Apoio à Nataação Curricular
- 8 Comemorações do 5 de Outubro estenderam-se à Mouraria
- 10 Descubra o que o novo PDM pode fazer por si e pela nossa cidade | Alterações na Rotunda do Marquês de Pombal e Avenida da Liberdade
- 12 Avenida Duque d'Ávila
- 14 Areias com qualidade | Ginástica ao ar livre | Monsanto vai acolher templo budista
- 15 Casas de chá
- 18 Construção de 20 novas creches | Estudo do bairro PRODAC vence prémio na XIII BAV | Novos projetos de habitação para Lisboa

19 descobrir

- 19 O Relojoeiro da Baixa
- 22 Lojas com Alma: Confeitaria Nacional
- 24 Cuida do teu bairro | Hora do conto em Carnide | Referendo em Campolide
- 25 A Lavar águas que lavam a cidade

28 conhecer

- 28 Orquestra Geração como instrumento de inclusão social
- 29 Feira de Verão anima Bairro do Armador
- 30 Lisboa na imprensa internacional
- 31 Só para espantar a solidão
- 32 Entrevista: Zé Pedro, lisboeta da noite ao dia

36 viver

- 36 "Emprega o Futuro" atua na Alta de Lisboa | Vídeo e fotografia promovem intervenção comunitária nos bairros | CNB apoia Aldeias de Crianças SOS
- 37 Orçamento Participativo a votos
- 38 Espaço a Brincar - Um direito a (des)envolver

40 olhares

- 40 39ª edição da Moda Lisboa | EUROBEST a publicidade em Festival | Lisbon Week uma semana diferente
- 41 LER 25 anos 25 filmes
- 42 Brasil Portugal Agora - (Re) descobrir o Brasil
- 43 Caricaturas de António nas paredes do Metro do Aeroporto
- 45 Lisboa Story Centre abriu portas
- 46 À conversa com André Sardet... No Museu da Marioneta
- 48 Correio dos Leitores

FICHA TÉCNICA

Edição

Câmara Municipal de Lisboa
Pelouro da Economia, Inovação, Modernização
Administrativa e Descentralização
Secretaria-Geral | Departamento de Marca e Comunicação

Diretora Fátima Madureira

Diretor Adjunto Luís Miguel Carneiro

Editora Sofia Velez

Redação

Carla Teixeira | Filomena Proença | Luís Figueiredo
Luís Miguel Carneiro | Mafalda Ferraz | Manuela Azevedo
Nuno Correia | Rolando Santos | Rui Baptista
Rui Cintra | Sara Inácio | Sofia Godinho | Sofia Velez

Revisão Luís Figueiredo

Fotografia

Américo Simas | Ana Luísa Alvim | Armindo Ribeiro
Cláudia Teixeira | Luís Ponte | Arquivo DMC

Design, ilustração e paginação

Catarina Amaro da Costa | João Pedro Ferreira
Maria João Martins | Marta Barata

Impressão Multiponto, S.A.

Tiragem 350.000 ex. | **Depósito legal** 341672/12

ISSN 2182-5556

Inscrição na ERC Anotada

Periodicidade Trimestral

Distribuição Gratuita



Chegou o outono e com ele o regresso às aulas. Para os mais novos, as escolas devem ser locais acolhedores, onde o conforto se cruze com condições de aprendizagem que promovam um crescimento seguro e harmonioso. Por isso, fomos conhecer o que Lisboa tem de novo para oferecer às famílias - para que, morar, trabalhar e estudar na nossa cidade seja, cada vez mais, sinónimo de qualidade de vida. Ficámos a saber que, a par de novas escolas e jardins de infância e de melhoramentos noutras, a oferta educativa da cidade é muita e diversificada.

Chegou o outono e com ele semanas amenas mas frescas que alternam com outras chicoteadas pela chuva. Por isso, apetece

“Damos conta de eventos que acontecem a coberto dos caprichos do tempo e de locais a merecer uma visita abrigada”

o aconchego de locais mais recolhidos e cálidos. Sugerimos um guia de casas de chá lisboetas e fomos à descoberta de interiores que são jóias na nossa cidade. Damos conta de eventos que acontecem a coberto dos caprichos do tempo e de locais a merecer uma visita abrigada.

Chegou o outono mas com ele a vida nos bairros da cidade não esmorece. Continuamos a visitá-los e a cumprimentar as vizinhanças que dão vida à cidade. E, porque é outono e Lisboa não para, apresentamos o labor quase invisível de quantos trabalhadores municipais velam para que a cidade funcione como uma máquina oleada, capaz de enfrentar secas ou intempéries.

Porque Lisboa somos nós! 🇵🇹

CONVIDAMOS para a capa deste mês



Foto: Joana Berrones

O “regresso às aulas” de que me lembro estava sempre preenchido com a expectativa da descoberta, entre contas e gramática, de novos amigos e novas aventuras.

Como uma árvore que crescia de ano para ano, frondosa e imponente, também o regresso às aulas se fazia de confiança e entusiasmo. Que saudades desse tempo!

André Letria

Ilustrador/autor do site www.andreletria.pt



Cidade Educativa

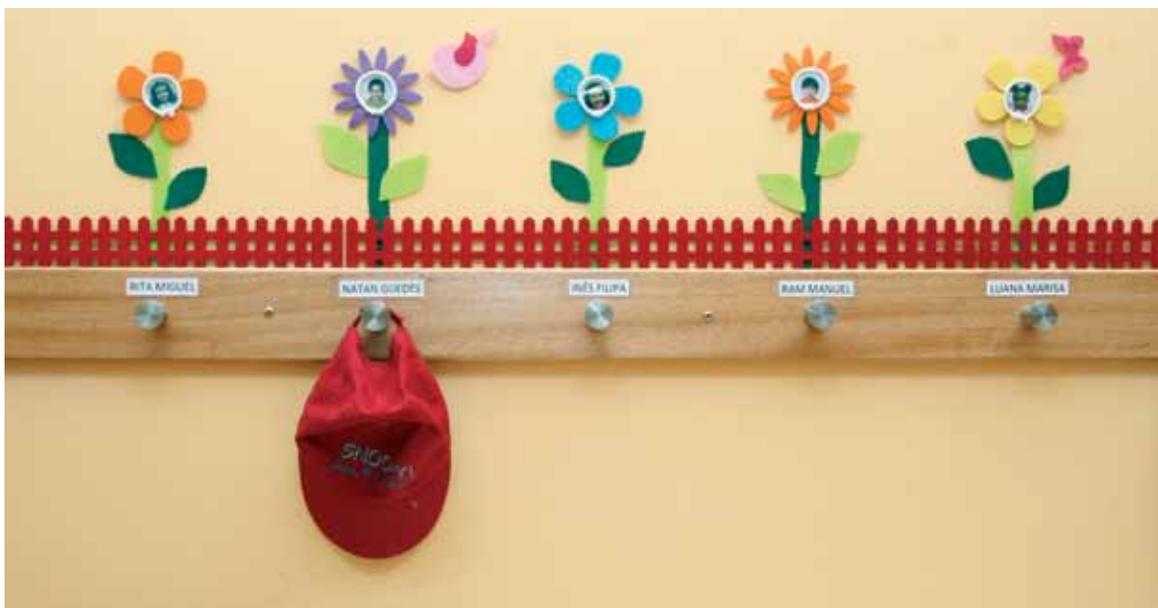
No âmbito do programa municipal Escola Nova, que visa a melhoria da oferta educativa da cidade, foram já construídas nove escolas novas, estando a decorrer intervenções de melhoria e requalificação em cerca de oitenta das escolas existentes em Lisboa. Fomos visitar duas daquelas novas escolas e saber o que têm para oferecer.

[texto de Rui Cintra | fotografia de Cláudia Teixeira]

A educação dos cidadãos é um dos garantes da igualdade de oportunidades dos membros de uma sociedade democrática. Através do programa Escola Nova, a rede escolar da cidade tem vindo a ser alvo de um investimento constante no sentido de criar mais e melhores escolas. Este programa visa modernizar o parque escolar sob a gestão do município, potenciando a melhoria das condições de habitabilidade e a adequação dos espaços existentes aos novos padrões de exigência no que respeita à higiene, conforto e segurança. Procura-se, assim, dotar as escolas de instalações adequadas a uma boa vivência escolar, de acordo com as modernas exigências peda-

gógicas favoráveis ao desenvolvimento do processo educativo.

O programa Escola Nova foi iniciado em 2008 e tem vindo a ser alargado, desde então. Dele já resultaram 49 intervenções em 39 escolas, estando previstas, até ao final do programa, 120 intervenções em 80 escolas de Lisboa. Desta ação resultaram já nove escolas construídas. Fomos visitar duas delas escolas: o Jardim de Infância do Lumiar e a Escola Básica e Jardim de Infância das Galinheiras, na freguesia da Ameixoeira (inauguradas em setembro de 2010) e falámos com as suas coordenadoras sobre a experiência que resultou para a comunidade.





Escola EB1/JI Galinheiras

Inserido num bairro designado como “problemático”, onde a maior parte das famílias recebe o rendimento social de inserção, a Escola EB1/JI das Galinheiras nasceu da necessidade de criar um novo equipamento escolar na Alta de Lisboa. A sua construção foi cofinanciada por fundos comunitários (QREN/FEDER), resultante da respetiva aprovação pelo Programa Operacional Regional de Lisboa (PORLisboa).

A escola ergue-se num espaço amplo e qualificado, assente numa arquitetura moderna e cuidada e serve uma população de 234 crianças: 62 em jardim de infância e 172 no 1º ciclo. Ali trabalham oito professores e três educadoras, mais pessoal auxiliar. Nas paredes várias frases humanizam o espaço: “Mal nos conhecemos inauguramos a palavra amigo”, assinada por Alexandre O’Neill, ou “A tua estrela pode não estar no céu / Põe-na lá”, de Vergílio Ferreira, ou ainda “Devagar no jardim a noite poisa / E o bailado dos seus passos / Liberta a minha alma dos laços / como se fosse criada cada coisa”, de Sophia de Mello Breyner. “Foram as crianças que escolheram estas frases, às vezes sem saberem o significado, apenas seguiram a sonoridade das palavras”, conta Paula Branco, coordenadora deste equipamento, professora com longos anos de experiência no ensino e profunda conhecedora das necessidades do bairro.

“Conseguimos ao longo do ano uma aceitação excelente por parte da população. Não tivemos que substituir um único vidro, nem tivemos nenhum acidente, nem problemas de segurança. Como se consegue isso? Através da criação de laços com a comunidade, envolvendo os pais, os líderes das comunidades, explicando que a escola é deles e que todos beneficiam se todos cuidarem. Temos um código de conduta em que envolvemos os pais e as crianças a comprometerem-se. Desenvolvemos muitas atividades. Levámos crianças a ver o mar pela primeira vez. São coisas que marcam e que não



esquecem”, explica Paula Branco. A escola está dotada de um amplo recreio onde os próprios alunos são responsabilizados rotativamente pela gestão, vigilância e cuidado dos colegas. Há também um ginásio e um refeitório bem equipado e amplo que já foi palco de várias ações. “Temos um programa designado *Bem Comer para Bem Viver* onde insistimos muito nas práticas de uma alimentação saudável. Além disso fazemos parte de um estudo conduzido pelo Instituto de Ciências Sociais sobre hábitos alimentares”, revela aquela coordenadora, explicando que “esta é uma forma da escola se entrosar com outras instituições”.

Segundo Paula Branco, o objetivo da escola é “servir como promotora de conhecimento e ser uma escola *aprendente*”. Para o efeito, realizaram-se ciclos de palestras, uns abertos à população do bairro e outros dedicados à formação contínua de professores, tendo sido vários os oradores que visitaram a escola ao longo dos dois anos de funcionamento, uns da comunidade que vieram partilhar saberes e culturas, outros das universidades e também escritores como Luisa Ducla Soares ou José Fanha. “Combater a desmotivação e o abandono escolar é um dos grandes objetivos. É com orgulho que, nestes dois anos de atividade, apenas assinalamos duas desistências que se prenderam com mudanças de famílias para fora do bairro. É um número incrivelmente baixo tendo em conta as características da zona e os dados que tínhamos de anos anteriores”, constata, satisfeita, a coordenadora da escola.



Jardim de Infância do Lumiar

A construção do Jardim de Infância do Lumiar beneficiou de financiamento do Município de Lisboa e do Programa de Alargamento da Rede de Educação de Educação Pré-Escolar (ARPE), da responsabilidade da Administração Central. A sua abertura despertou grande curiosidade no bairro. “Alguns pais vinham cá perguntar se éramos um colégio privado”, conta a coordenadora Fernanda Esteves, educadora de infância formada em ensino especial. Toda a arquitetura da escola se inspira no mar: uma grande onda forma o telheiro do recreio e o mesmo motivo repete-se no chão, há vigias de navio por toda a escola e o ginásio assemelha-se ao bojo de uma embarcação. Foi inaugurada em 2010 e serve neste momento cerca de 90 alunos. Tem quatro salas amplas, com técnicas de aproveitamento da luz natural. Duas das salas têm valência de ensino especial.

“Temos muita procura, mas a nossa capacidade não pode ser muito mais dilatada, são só quatro salas. Mas é assim que deve ser. O jardim de infância é, muitas vezes, o primeiro espaço que a criança descobre fora da família, se for muito maior pode tornar-se assustador. É preciso manter uma certa familiaridade e aconchego. Esta escola tem a dimensão ideal para ser um espaço muito agradável”, explica Fernanda Esteves. A escola está inscrita no agrupamento Professor Lindley Cintra, que “é muito proativo e nos presta grande apoio”, confia a coordenadora, que adianta desenvolverem em conjunto diferentes programas como o Ecoescola ou o Plano Nacional Leitura, para além das atividades que cada professor depois desenvolve e de uma semana dedicada à leitura, “pois as histórias são fundamentais nestas idades”.

No espaço polivalente acontecem as aulas de ginástica, judo, ioga ou ballet, já fora do âmbito curricular. “Isso acontece devido à associação de pais que desde a primeira hora começou a trabalhar ao nosso lado, conseguindo estabelecer acordos para prestar às crianças essas e outras valências educativas. Têm sido os nossos grandes parceiros”, acrescenta Fernanda Esteves, explicitando o projeto da escola: “O nosso objetivo é caminhar para uma escola de excelência. A escola pública pode estar ao lado de qualquer escola. E um espaço como este é um grande estímulo”. 🌐



Atividades de Enriquecimento Curricular

Abrangem todo o 1º ciclo e são atividades pedagogicamente ricas e complementares às aprendizagens curriculares. Incidem nos domínios desportivo, artístico, científico, tecnológico e de contacto com as novas tecnologias de informação. Visam promover a solidariedade, o voluntariado e a dimensão europeia da educação. Destas ações fazem parte: o apoio ao estudo, ensino do inglês e da música, atividades desportivas e lúdico-expressivas. Decorrem, sempre que possível, no espaço escolar e em horário extracurricular, com base no conceito de escola a tempo inteiro, envolvendo protocolos com diversas entidades.

A **Componente de Apoio à Família** procura dar resposta social para a realização de atividades definidas pelo agrupamento de escolas e das entidades executoras (juntas de freguesias, associações de pais, IPSS, etc.).



A **Rede de Bibliotecas Escolares** promove, no espaço escolar, atividades de leitura e de literacia, bem como o acesso ao conhecimento e à informação.

O **Programa Infância em Movimento** visa promover a prática de exercício físico, contribuir para a criação de hábitos de vida saudáveis, promover a relação da criança com o seu corpo e proporcionar experiência de familiarização com os espaços verdes da cidade, através de diversas ações em espaços municipais.



Apoio Escolar

Ao longo dos anos têm vindo a ser reforçadas as medidas de apoio da Ação Social Escolar, assumindo o Município, para além das participações mínimas previstas na lei, os encargos das famílias das crianças dos escalões A e B ou com necessidades educativas especiais, referentes à aquisição de manuais escolares, material escolar, material de desgaste, tecnologias de apoio, alimentação (almoço e lanche) e transporte escolar.

Este reforço traduz-se ainda na assunção do critério de igualdade, entre os escalões A e B, na atribuição dos vários apoios municipais, com as famílias de ambos os escalões a beneficiarem de isenção total e de outras ações complementares, como o fornecimento de lanche a todas as crianças que se encontram a frequentar as atividades de enriquecimento curricular ou a componente de apoio à família.

Nas Escolas Básicas do 1º. Ciclo e Jardins de Infância da rede pública de Lisboa são servidos diariamente um total de 17.100 almoços e 11.500 lanches. O valor do investimento municipal nos apoios socioeducativos é de 13.584.273 euros.

Transporte Escolar

O transporte adaptado para crianças com deficiências de autonomia, a atribuição do passe social aos alunos do 2º e 3º ciclo abrangidos pela Ação Social Escolar ou o programa Alfacinhas são exemplos das ações municipais desenvolvidas no âmbito do transporte escolar.

O **Alfacinhas** é uma rede de transporte escolar gratuito, com circuitos pré-definidos, utilizando veículos destinados ao transporte de crianças do 1º ciclo do ensino básico da rede pública de escolas da cidade de Lisboa, cuja distância de casa à escola seja superior a 10 minutos a pé. No ano letivo 2011/2012, o programa cobriu as necessidades de 9 escolas, transportando 393 crianças. No presente ano letivo (2012/2013), este serviço irá ser alargado a mais uma escola, a Escola Básica dos Lóios, do Agrupamento Damião de Góis.

O **Pedibus** é um projeto que integra grupos de crianças que se deslocam a pé de ou para a escola, acompanhadas por um ou mais adultos, segundo um percurso pré-definido. Depois de um teste piloto, o projeto é retomado em novembro próximo em algumas escolas da cidade em colaboração com as associações de pais e Agrupamentos de Escolas, numa primeira fase. Implementado com grande sucesso em diversas cidades europeias.



Quinta Pedagógica dos Olivais

Este ano letivo a quinta pedagógica criou novas ofertas para as escolas. Aos anteriores programas “Aromas e Sabores”, “O Ciclo do Pão”, “Veterinário por uma hora”, “Agricultura Biológica”, “Vida na Quinta” as histórias



| ALA

da “Florinda, a camponesa” (ver revista Lisboa, nº 1), junta-se agora a “Caça aos Insetos”, “Encher a Barriga de Histórias” e “Plantas com História”, atividades que pretendem facilitar e promover uma aprendizagem divertida e de contacto com a natureza. As atividades são gratuitas. Para mais informações: tel.: +351 21 855 09 30, mail: quinta.pedagogica@cm-lisboa.pt, quintapedagogica.cm-lisboa.pt | RC

Baixa de Lisboa vai ter escola e jardim infantil

A nova escola, localizada numa das alas do que foi o Convento e Tribunal da Boa Hora, no largo do mesmo nome (à Rua Nova do Almada), vai estender-se por duas dezenas de salas, em três pisos, e duas áreas de recreio, para



Escola Ciência Viva Educação para a Ciência em Lisboa

A partir deste ano letivo todos os agrupamentos de escolas de Lisboa farão parte da Escola Ciência Viva, com uma turma do 1º Ciclo. Com o apoio do transporte Alfacinhas (ver caixa Transporte Escolar), as crianças das



| ALA

acolher 100 alunos do ensino básico e 50 crianças no jardim de infância – uma oferta importante nesta área da cidade, em processo de revitalização. Irá ocupar cerca de 20% da extensa área do histórico edifício, conforme resultou de um acordo com o Ministério da Justiça (os restantes 80%, propriedade deste ministério, acolherão a instalação do Centro de Estudos Judiciários). | LMC

diversas escolas vão poder explorar e tomar contacto com as várias áreas da ciência, sensibilizando-as para o conhecimento, para a descoberta, num espaço de excelência: o Pavilhão do Conhecimento, no Parque das Nações. Mexer, experimentar, observar, questionar, interrogando o real e aprendendo, promovendo sempre a curiosidade dos mais novos, é o que as atividades da Escola Ciência Viva vêm propor a todas as crianças do programa. | RC

Desporto**Formar Campeões para a vida**

Resultado de um protocolo entre a CML e a Escola de Judo Nuno Delgado o projeto Formar Campeões para a Vida é uma iniciativa de intervenção social, solidariedade e capacitação cívica através do desporto que abrange mais de duas centenas de alunos do concelho de Lisboa.



| ALA

O modelo desportivo – Blocos de Judo “Formar Campeões para a Vida”, assente na apresentação massiva de conceitos desportivos e cívicos, proporcionando às crianças do 1.º ciclo do ensino básico, um primeiro contacto com o Judo, e respetivos princípios e valores, que se aplicam no dia-a-dia dos alunos/cidadãos.

As crianças usufruem assim de um Programa trimestral de formação desportiva e cívica, englobado nas atividades extracurriculares da Escola, com aulas de judo de 45 minutos, duas vezes por semana, que se inicia com uma apresentação à comunidade, terminando com uma avaliação dos resultados alcançados, num processo que terá a intervenção do Professor Titular da escola onde decorre o bloco. | RC

Passaporte Escolar

A criação do Passaporte Escolar procura facilitar o convite à participação em diversas atividades extracurriculares, com as visitas dos alunos a diferen-



| ALA

tes equipamentos da cidade distribuídos pelas áreas Educação Científica e Ambiental, Educação Desportiva, Educação Cultural e a Educação Cívica. O transporte escolar Alfacinhas assegura as deslocações dos alunos. No fim da visita cada aluno vê o seu passaporte carimbado desenhando assim um percurso de formação através dos vários locais visitados. | RC

Programa de apoio à Natação curricular

Destinado aos alunos do 1.º ciclo das escolas da rede pública, o Programa de Apoio à Natação Curricular procura criar as condições necessárias para que, no final dos quatro anos de frequência, se conclua a adaptação ao meio aquático, tal como definido no Programa Nacional de Expressão e Educação Físico-Motora.

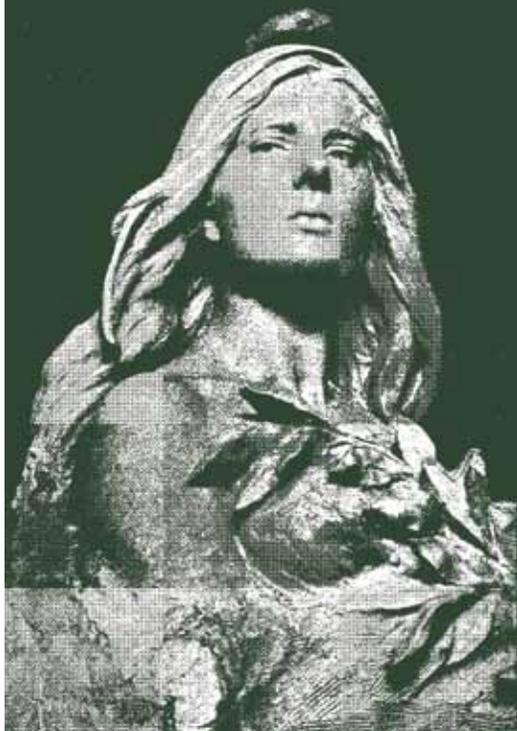


| Marina Almeida

Em cada ano letivo, cada turma é acompanhada por professores especializados e frequenta 12 aulas com duração de 45 minutos em duas sessões semanais, ao longo de seis semanas após as quais os pais e encarregados de educação são convidados a assistir a uma exibição das aprendizagens adquiridas pelos alunos.

A participação neste programa é gratuita, devendo as escolas interessadas proceder à sua inscrição durante o mês de julho. O programa prevê deslocações a curta distância entre a escola e a piscina (inferior a 15 minutos) sendo o transporte dos alunos assegurado pela Câmara Municipal de Lisboa.

No ano letivo 2011/2012 inscreveram-se no Programa, 10 482 alunos sendo que, no presente ano letivo 2012/2013, o número de inscrições passou para 10 971. | RC



Comemorações do **5 de outubro** estenderam-se à Mouraria

A par das cerimónias oficiais das Comemorações do 102º Aniversário da Implantação da República – que decorreram na Praça do Município e no Pátio da Galé – o dia 5 de outubro foi também celebrado no Largo do Intendente, com a inauguração de uma “escultura-jardim” de Joana Vasconcelos, e na Praça Martim Moniz, com um concerto de Mariza.

[texto de Luís Miguel Carneiro | fotografia de Américo Simas]

As cerimónias oficiais iniciaram-se na Praça do Município com o solene hastear da Bandeira Nacional na varanda dos Paços do Concelho - onde, há 102 anos, foi proclamada a instauração do novo regime - enquanto a Guarda de Honra e um Batalhão da GNR com Banda e Estandarte executava o Hino Nacional. As cerimónias prosseguiram no Pátio da Galé, onde os presidentes da República e da Câmara Municipal de Lisboa proferiram importantes discursos.

António Costa verberou a “menorização e infantilização” do “estatuto de bom aluno obediente e cumpridor a que alguns querem condenar” um país com oito séculos de História e anunciou a intenção da Câmara de continuar a “comemorar a Independência, a Liberdade, a República e Portugal”. Por seu lado, Aníbal Cavaco Silva afirmou que “o país tem de ser capaz de dar aos jovens condições para que aqui façam frutificar as suas capacidades e de criar condições para que os jovens da nova diáspora possam regressar”, sustentando que “a batalha da Educação é a grande causa republicana deste novo milénio”.

À tarde, o Largo do Intendente recebeu a escultura “Kit Garden 2012”, num ato inaugural que atraiu muitos moradores e visitantes. A escultora assumiu a satisfação por participar no “movimento de renovação desta parte da cidade”, através da instalação da sua obra em ferro forjado, com bancos de madeira e plantas, que irá “revitalizar uma área sem zonas verdes”.

No mesmo dia em que o Largo do Intendente, a Praça Martim Moniz e as ruas adjacentes estiveram de “portas abertas” para o evento



“Open Day” (para mostrar o espaço público renovado e as casas e lojas, novas ou reabilitadas, disponíveis para compra ou arrendamento, estimulando a fixação de novos negócios, escritórios, e famílias, para a revitalização económica da área), também a noite foi concorrida na Mouraria.

De facto, a Praça Martim Moniz encheu-se para acolher uma das mais acarinhadas fadistas da atualidade - Mariza. E foi junto do bairro que a viu crescer que a fadista cantou vários dos seus grandes suces-



sos e ainda temas de Rui Veloso e Tito Paris. Homenageando um dos grandes fadistas da Mouraria, Fernando Maurício, Mariza convidou Ana Maurício a cantar alguns fados que marcaram a carreira do tio. O final foi festivo, com uma interpretação de Rosa Branca, que pôs todo o Martim Moniz a cantar. 🎵



DESCUBRA O QUE O NOVO PDM PODE FAZER POR SI E PELA NOSSA CIDADE

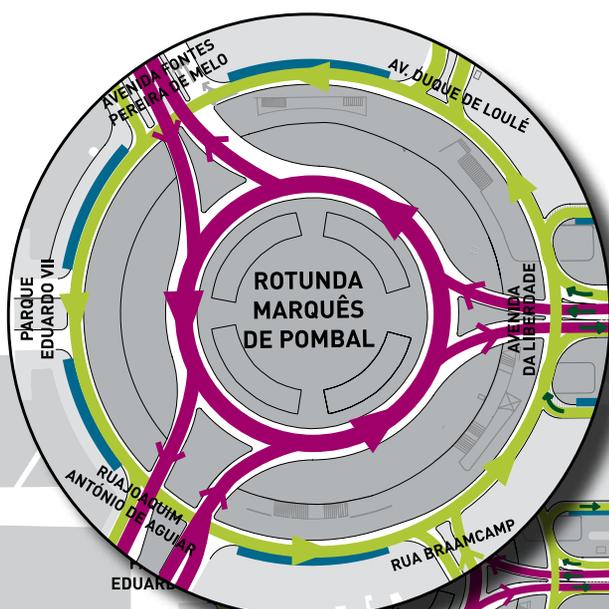
O novo PDM é um instrumento para concretizar uma nova visão estratégica de Lisboa, que se traduz em sete grandes objetivos que vão guiar o desenvolvimento da cidade nos próximos 10 anos: atrair mais habitantes; captar mais empresas e empregos; impulsionar a reabilitação urbana; qualificar o espaço público; devolver a frente ribeirinha às pessoas; promover a mobilidade sustentável e incentivar a eficiência ambiental.

É transparente: as regras são rigorosas, claras e acessíveis a todos.

É amplamente participado: resultou de milhares de contributos, num processo participativo.

É evolutivo: o seu período de vigência é de 10 anos mas apostou-se na sua revisão ao

Alterações na Rotunda do Marquês de Pombal e Avenida da Liberdade

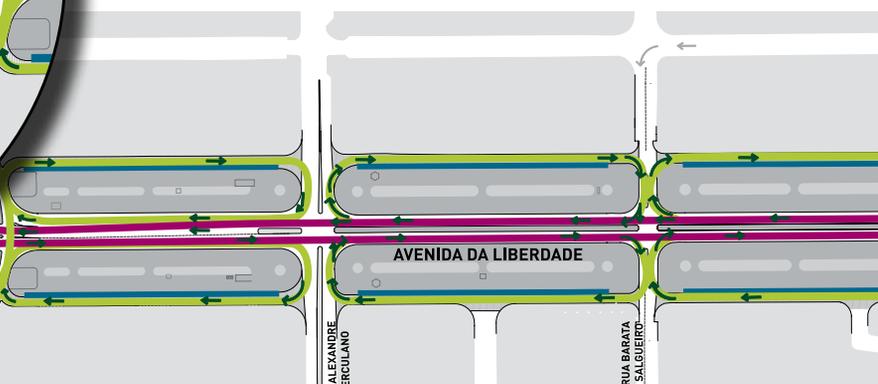


Este novo conceito de circulação, em fase experimental de 15 setembro até ao final do ano, centra-se na redução do trânsito automóvel, de forma a melhorar a qualidade do ar e a segurança dos atravessamentos pedonais.

Na Rotunda do Marquês existem agora duas rotundas concêntricas:

Rotunda interna - para aceder à Av. da Liberdade, Av. Fontes Pereira de Melo e Rua Joaquim António de Aguiar.

Rotunda externa com ligação a todas as vias - para aceder à Av. Duque de Loulé e Rua Braamcamp (aqui circula já o transporte individual no sentido Largo do Rato/Marquês de Pombal).



fim de cinco anos, como forma de garantir uma resposta adequada às mudanças na sociedade.

Lisboa já cresceu até aos limites do seu território. Hoje estamos perante um novo paradigma de desenvolvimento urbanístico: intervir na cidade existente.

O novo PDM é o plano dos 3 R's: Reutilizar, Reabilitar, Regenerar.

Com o desígnio de elevar a qualidade de vida, foram definidos objetivos a prosseguir, através de incentivos fiscais e créditos de construção, de uma programação dos investimentos municipais e de uma participação ativa dos cidadãos.

Como forma de inverter a tendência de diminuição da população de Lisboa, estão

previstas medidas como um programa de habitação a custos acessíveis, mais estacionamento para residentes, equipamentos públicos de qualidade, na área do ensino, da saúde, do desporto, da cultura e social, com especial incidência nos cuidados para a população idosa.

Uma das principais apostas deste Plano passa igualmente pela reabilitação urbana em detrimento da construção nova. Para que tal seja possível, classifica toda a área urbana construída como zona histórica, atribui créditos de construção à reabilitação e penaliza quem deixe ruir o seu património. | 1 NC

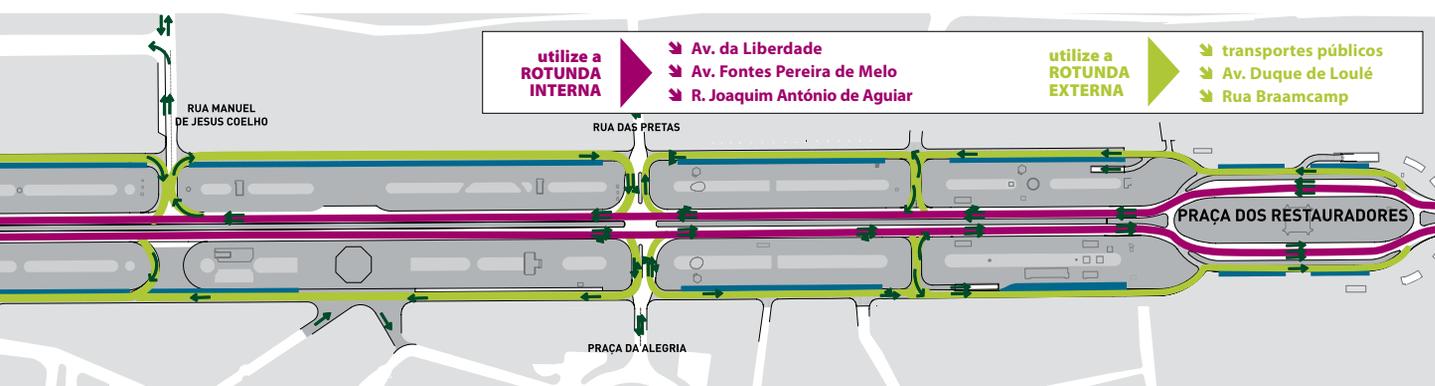
Conheça o novo PDM em:
<http://pdm.cm-lisboa.pt/>

Foram realizadas sessões públicas de esclarecimento e reuniões com diversas instituições, das quais resultaram propostas que foram tidas em conta, nomeadamente a deslocação das paragens dos autocarros para a rotunda interior e a manutenção do estacionamento longitudinal nas vias laterais.

Da consulta pública realizada no verão, resulta uma opinião amplamente favorável, destacando-se a importância do planeamento para todos os utilizadores - não apenas para o automóvel - bem como a atenção dada aos elementos mais frágeis do sistema: peões e bicicletas.

Um estudo do Departamento de Ambiente da Universidade Nova de Lisboa, realizado após a alteração, conclui que a poluição atmosférica diminuiu na Avenida da Liberdade. A concentração diária de dióxido de azoto e partículas manteve-se sempre abaixo do limite legal, “enquanto na primeira quinzena de setembro (antes da alteração) este valor foi ultrapassado oito vezes”.

Para os responsáveis pelo estudo, a confirmação desta tendência será uma indicação que as alterações introduzidas estão a ter o efeito desejado pela Câmara de Lisboa. | 1 LF





Avenida Duque d'Ávila uma avenida com nova vida

Há pequenas obras de requalificação na cidade que introduzem imediata melhoria da qualidade de vida a quem aí habita.

Esta é uma delas!

[texto de Sofia Velez | fotografia de Armindo Ribeiro]

“Mãe, posso ir andar de bicicleta quando acabar os trabalhos de casa?” pergunta André de 6 anos. Quem ouvisse esta frase há pouco mais de dois anos ficaria de “cabelos em pé” só de pensar no perigo que seria o de crianças pequenas andarem de bicicleta pelos passeios das Avenidas Novas. Com pouco mais de metro e meio de largura, as antigas calçadas eram diariamente atravessadas por milhares de pessoas a entrar e a sair das lojas e escritórios, ocupadas por caixotes de lixo e até forradas com alguns “presentes pegajosos” de animais domésticos. Esta zona da cidade, conhecida por Avenidas Novas, foi construída com base no plano do arquiteto Ressano Garcia nos finais do século XIX, cujas avenidas se desenvolvem num plano ordenado e ortogonal, à semelhança das grandes capitais, tornando-se numa área pri-

vilegiada de compras, restauração, habitação e ensino, mas grandemente dominada pelo trânsito automóvel. Hoje o cenário é completamente diferente.

Metade da Av. Duque d'Ávila foi transformada em zona unicamente para peões, com a construção de grandes passeios, zonas de esplanadas e uma pista para bicicletas que permite a ligação entre Monsanto e a Alameda Dom Afonso Henriques. Foram plantadas árvores que criam sombras para os utilizadores dos bancos públicos e das esplanadas. A circulação entre os vários jardins da zona (como o da Fundação Calouste Gulbenkian, os pequenos jardins da Av. Conde Valbom ou o jardim do Arco do Cego) tornou-se fácil e apetecível. O resultado já se faz notar: ao final do dia, mães e avós passeiam as crianças em carrinhos de

bebê ou de bicicleta, em total segurança.

A obra de pedonalização da Av. Duque d'Ávila, surgiu por "acidente". Quando do projeto da estação de metropolitano do Saldanha, verificou-se que não havia espaço para a sua localização. Assim, optou-se pela sua implantação na zona sul da Av. Duque d'Ávila próximo do jardim do Arco do Cego. Foi a partir desta opção que a arquiteta paisagista camarária, Conceição Candeias, projetou e requalificou esta avenida. Desde então, aumentou consideravelmente o fluxo de peões que a utilizam, quer através da nova estação de metro, quer pela utilização das esplanadas, jardins e quiosques. A obra teve início em outubro de 2010, abrangendo uma zona que vai desde a Av. Rovisco Pais até à Av. Visconde Valmor, junto ao atual jardim do Arco do Cego. Depois do grande sucesso da pedonalização, desta parte da avenida, está já prevista, numa segunda fase, a sua ampliação até à Alameda Dom Afonso Henriques. 🚶

Dados Técnicos

Projeto Base:

Câmara Municipal de Lisboa,
DMAU - Divisão de Planeamento
e Projeto - M. Conceição
Candeias (arq. paisagista)

Projeto de Execução:

Metropolitano de Lisboa

Promotor da obra:

Metropolitano de Lisboa

Conclusão da obra:

Junho 2011

Custo: 1.450.000 Euros



Areias com qualidade nos parques infantis

A Câmara Municipal de Lisboa procede, regularmente, à monitorização microbiológica do piso e ao tratamento do areão dos parques infantis. Os resultados até agora obtidos mostram que os valores encontrados, em todos os parâmetros, se encontram dentro dos valores máximos recomendados pela Associação Bandeira Azul da Europa.



| Fotografia cedida pela DMAU

Estas intervenções, de monitorização e tratamento, são supervisionadas pela Faculdade de Farmácia da Universidade de Lisboa e pelo Laboratório de Microbiologia Aplicada do Instituto Superior de Ciências da Saúde Egas Moniz e são realizadas nos seguintes parques infantis: Quinta do Cabrinha, Parque Eduardo VII, Jardim Guerra Junqueiro (Estrela), Jardim das Amoreiras, Alameda D. Afonso Henriques, Jardim Constantino, Parque Silva Porto (Benfica), Parque Juvenil Estrela e recinto Keil do Amaral (Monsanto). | CT

Ginástica ao ar livre

No âmbito de um protocolo celebrado entre a Câmara Municipal de Lisboa e a Vodafone, com o objetivo de fomentar a prática regular de exercício físico ao ar livre, foram instalados aparelhos de *fitness* em vários locais da cidade.

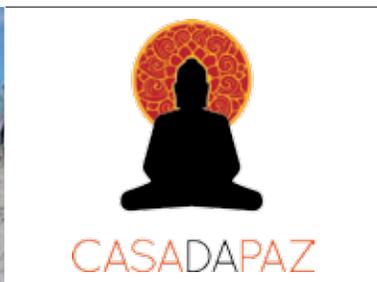


| Fotografia cedida pela DMAU

Estes equipamentos podem ser utilizados nos seguintes parques e jardins: Museu de Arte Popular/Jardim Japonês; Jardim Fernando Pessa; Jardim Vasco da Gama; Jardins de Campolide; Alameda D. Afonso Henriques; Alameda Roentgen; Parque da Belavista; Corredor Verde / Rua Marquês de Fronteira; Mata da Madre de Deus; Rua Eugénio de Castro; Campo das Amoreiras; J. Prof Francisco C. Cabral/Telheiras; Encarnação (Stª Maria dos Olivais); Parque Urbano Vale Fundão; Parque Silva Porto. | CT

Monsanto vai acolher templo budista

A União Budista Portuguesa (UBP) vai instalar um templo no edifício Botequim do Miradouro Luneta dos Quartéis, no Parque Florestal de Monsanto. O espaço municipal da autoria do arquiteto Keil do Amaral, tem cerca de 800 metros quadrados e vai acolher, para além do templo, uma biblioteca, um *stupa* (elemento escultório em pedra representativo da religião budista) e aposentos para *Lamas* visitantes.



A UBP pretende oferecer à população, além das atividades budistas tradicionais, como meditação, seminários, retiros, etc., outras atividades terapêuticas, culturais e sociais, incluindo um serviço ligeiro de restauração. O edifício chamar-se-á Casa da Paz e é objetivo da União fazer dele um espaço de encontro entre escolas e tradições budistas, mas também ecuménico, aberto a encontros inter-religiosos, ações de sensibilização ecológica e de respeito pelos animais, e onde todos, crentes ou não crentes, possam usufruir de um espaço de encontro consigo mesmos. | NC

Casas de Chá

Agora que Lisboa já cheira a outono, que o frio se começa a fazer sentir e já apetece vestir uma roupa mais quente, aceite a nossa proposta e visite uma acolhedora casa de chá. Das mais tradicionais às mais contemporâneas, apresentamos algumas sugestões de espaços em Lisboa onde poderá reconfortar-se com um bom chá, acompanhado por deliciosas iguarias.

[texto de Carla Teixeira | fotografia de Luís Ponte]

Chá do Carmo

Inaugurado em 1998, o **Chá do Carmo** nasceu da necessidade de criar em Lisboa um espaço dedicado a todos aqueles que apreciam e cultivam a tradição do chá.

Nesta casa de chá, localizada no centro histórico da capital, encontra-se uma vasta variedade de chás da marca francesa *Mariage Frères*, que poderá acompanhar com scones, crepes ou bolos caseiros, como o de maçã com canela. Tem ainda a possibilidade de adquirir estes chás, bem como os seus derivados e respetivos acessórios.



Morada: Largo do Carmo, 21
Horário: 2ª feira a sábado, das 09h00 às 24h00
 Encerra aos domingos

Benard

A *pâtisserie* **Benard** foi fundada em 1868 pelo Sr. Élie Benard e estava localizada na Rua do Loreto. No entanto, em 1902, transferiu-se para a Rua Garrett, onde ainda hoje se mantém. Este espaço, um dos mais tradicionais da cidade, mantém uma decoração clássica e destaca-se pelos seus bolos caseiros e pelos famosos *croissants*.



Morada: Rua Garret, 104
Horário: 2ª feira a sábado, das 08h00 às 23h00
 Encerra aos domingos

Mexicana

A **Mexicana** foi fundada em 1946. No seu interior, destaca-se um painel cerâmico, da autoria de Querubim Lapa, e um espaço para criação de periquitos.

Dispõe de uma vasta gama de chás que podem ser servidos com scones, panquecas e *croissants*, para além do chocolate quente e dos sumos naturais.

Morada: Avenida Guerra Junqueiro, 30 C
Horário: Todos os dias, das 08h00 às 24h00

Ô-Chá

Este espaço, que é também uma loja de decoração, oferece uma carta com mais de 70 chás diferentes - chás pretos puros e aromatizados, chás verdes puros e aromatizados, chás *oolong* e os preciosos chás brancos - oriundos do Japão e de toda a Ásia, da América do Sul e do Médio Oriente, sem esquecer o proveniente dos Açores. Estes chás podem ser consumidos no local ou adquiridos ao balcão.

Como especialidades, destaque para os scones, pão de especiarias, bolo de chocolate, sanduíches e tostas, sumos naturais feitos na hora, café (de saco), chocolate e cerveja oriental.



Morada: Rua Luís Augusto Palmeirim, 18
 (perto da Av. da Igreja)
Horário: 2ª feira a sábado, das 12h00 às 20h30
 Encerra aos domingos (nos meses de novembro e dezembro encontra-se aberto aos domingos)

La Tearoom (loja Lanidor)

Experimente um chá acompanhado por diversas iguarias, com destaque para os scones, num espaço que é simultaneamente uma loja de roupa, um SPA e Tea Room (misto de restaurante e casa de chá).



Morada: Av. da Liberdade, 177
Horário: 2ª a sábado, das 10h00 às 19h00 (lanches: das 15h30 às 19h00)

Tartine

Na **Tartine**, para além de poder acompanhar o seu chá com os tradicionais scones ou panquecas, também poderá deliciar-se com as suas especialidades: *tartines* e os bolos chiado.

Localizada no Chiado, este espaço caracteriza-se pelo facto de ser uma padaria, uma pastelaria e um local onde são servidas refeições ligeiras, pequenos-almoços, lanches e *brunches*.



Morada: Rua Serpa Pinto, 15 A
Horário: 2ª a 6ª feira, das 08h00 às 20h00
Sábados e feriados, das 10h00 às 20h00
 Encerra aos domingos (Em breve funcionará também ao domingo, das 10h00 às 20h00)

Salão de Chá Luso Japonês

Castella do Paulo

Aqui encontra-se uma oferta de chás muito variada: chás pretos, chás medicinais, chás aromáticos, chás chineses e chás japoneses. A especialidade exclusiva deste espaço é o pão de ló japonês, introduzido no Japão pelos portugueses no séc. XVI.



Morada: Rua da Alfândega, 120
Horário: 2ª a 6ª feira, das 07h30 às 19h30;
sábados, das 12h00 às 19h30.
 Encerra aos domingos e feriados

Saboreia Chá e Café

- The Flavour Shop

Possibilidade de comprar e/ou consumir no local cerca de 80 variedades de chá oriundos dos quatro cantos do mundo. Dispõe de balcão de degustação, chás frios, pastelaria artesanal, *smoothies* e venda de loiças e acessórios.



Morada: Rua Bartolomeu Dias, Centro Cultural de Belém
 (em frente ao Museu da Marinha)
Horário: 2ª a 6ª feira, das 08h30 às 20h00;
sábados, domingos e feriados, das 09h30 às 19h00

Confeitaria Nacional

A **Confeitaria Nacional** é uma das mais antigas pastelarias de Lisboa. Fundada em 1829 por Baltazar Roiz Castanheiro, permanece há mais de cinco gerações na mesma família. Aqui, poderá acompanhar o seu chá com uma das especialidades, como os bolinhos de amêndoa, os bolinhos de ovo ou ainda os bolos secos ou sortidos, sem esquecer o tradicional bolo rei.



Morada: Praça da Figueira, 18 B
Horário: Todos os dias, das 08h00 às 20h00

Versailles



Inaugurada a 25 de novembro de 1922, a Pastelaria/Casa de Chá **Versailles** mantém toda a sua elegância e prestígio. Com uma decoração rica, este espaço oferece aos seus clientes bolos e doces caseiros, destacando-se os seus pastéis de nata. Situada em plena Av. da República, é há muito um ex-libris das Avenidas Novas.

Morada: Avenida da República, 15 A
Horário: Todos os dias, das 07h30 às 22h00

Poison d'Amour

Neste cantinho de Paris em Lisboa poderá encontrar doces tentações para acompanhar um chá no final de tarde. A **Poison d'Amour** dispõe de um espaço singular: um pátio rodeado pelo Jardim Botânico.



Morada: Rua Escola Politécnica, 32
Horário: 3ª a 6ª feira, das 10h00 às 20h00;
sábados, domingos e feriados, das 09h00 às 20h00.
Encerra à 2ª feira

Sabia que:

- Existem várias lendas sobre a origem do chá, sendo a mais conhecida a que a faz remontar ao ano de 2750 a.C., segundo a qual o Imperador chinês Chen Nung, conhecido como Curandeiro Divino, decretou que todos os seus súbditos só poderiam consumir água depois de fervida. Um dia, quando passeava pelos seus jardins pediu que lhe fervessem água e, enquanto aguardava que esta arrefecesse, acidentalmente, algumas folhas caíram dentro do seu copo dando-lhe uma cor e um perfume delicado. Ao provar a infusão, o imperador surpreendeu-se com o sabor agradável e refrescante;
- Foi a partir do séc. III que, na China, o chá começou a ser consumido: primeiro como vegetal cozido, e só depois usado como infusão.
- O chá chega ao Japão entre 710-784. No entanto vai desaparecer e só voltar a ressurgir no séc. XII.
- Foram os portugueses que, no séc. XVI, descobriram o chá no Japão e o deram a conhecer à Europa.
- Foram os holandeses que comercializaram e inculcaram o hábito de se beber chá na Europa.
- A princesa portuguesa Catarina de Bragança (1638-1705), mulher do rei D. Carlos II de Inglaterra, era grande apreciadora da bebida e muito contribuiu para a difusão do chá na corte inglesa.
- O hábito do "five o'clock tea" (chá das cinco) foi introduzido apenas em 1840 pela duquesa de Bedford e não por Catarina de Bragança, como habitualmente se lhe atribui.
- Tradicionalmente, o chá encontra-se dividido em três categorias:

Preto, Verde e *Oolong*. Estes diferenciam-se pelo processamento das folhas de *Camellia sinensis*, a verdadeira planta do chá. Dentro de cada uma destas categorias encontram-se diversas misturas como o *Pekoe*, *Darjeeling* ou *Ceilão*. O chá branco também provém das mesmas folhas, porém estas são tratadas de forma diferente das dos chás tradicionais.

- As plantações de chá existentes em Portugal estão localizadas nos Açores.

A não perder a Exposição



Construção de 20 novas creches

para acolher 840 crianças

Está adjudicada a construção de 20 novas creches na cidade, com capacidade para acolher 840 crianças até aos 3 anos. Estes equipamentos, que



deverão estar concluídos em 2013, vêm suprir parcialmente as necessidades de cobertura no que respeita a creches em Lisboa, conforme um estudo que apontou para a necessidade de aumentar até 50% a cobertura da rede pública de creches, identificando as freguesias mais carenciadas destas estruturas. O Programa B.a.Bá – “Programa de Desenvolvimento de Creches em Lisboa” – prevê a criação de 2500 lugares e de condições para a progressiva requalificação dos equipamentos existentes. O objetivo passa ainda por fixar casais jovens na cidade, contrariando a tendência de envelhecimento da população que se tem vindo a registar em Lisboa nos últimos cinquenta anos. | NC

Estudo do bairro PRODAC vence prémio na XIII Bienal de Arquitetura de Veneza

O projeto ‘Working with the 99%’, da autoria do *Ateliermob*, foi um dos três distinguidos com o Prémio Future Cities. Criado pela Associação de Moradores do Bairro PRODAC-Norte, em parceria com o



Ateliermob, baseia-se num estudo deste bairro lisboeta, construído pelos próprios moradores na década de 70, e onde habitam cerca de 600 famílias. Defende a necessidade de os ateliês de arquitetura se adaptarem à crise, procurando alternativas de financiamento para os clientes comuns, que não têm dinheiro. O projeto vai receber um financiamento da autarquia, no valor de 50 mil euros, para a regularização de 88 lotes habitacionais, no âmbito do BIP-ZIP (bairros/zonas de intervenção prioritária).

A representação oficial de Portugal na Bienal inclui trabalhos reunidos no projeto ‘Lisbon Ground’, como os da reconstrução do Chiado, o MUDE - Museu do Design e da Moda, o Museu Nacional dos Coches e o projeto do terminal de cruzeiros de Lisboa. Há ainda o estudo urbano para o Parque Mayer e Jardim Botânico e a requalificação da Ribeira das Naus. A XIII Bienal de Arquitetura de Veneza termina dia 25 de novembro. | NC

Novos projetos de habitação para LISBOA

Três grandes projetos, na área da habitação, vão surgir na cidade de Lisboa: “Venda Faseada”, “Reabilita Primeiro e Paga Depois” e “Renda Convencionada”.

A “Venda Faseada” destina-se aos moradores dos bairros municipais e possibilita a venda dos fogos em prestações, 30 por cento “à cabeça” e o restante em entregas mensais, já com o condomínio incluído, durante cinco anos.



O “Reabilita Primeiro e Paga Depois” tem a ver com os prédios devolutos municipais em mau estado e possibilita que famílias, construtores ou promotores imobiliários adquiram os prédios a baixo custo, livres de ónus, com projetos já aprovados.

A “Renda Convencionada” destina-se ao arrendamento de prédios devolutos municipais em bom estado, com rendas mais baixas do que as que se observam no mercado imobiliário, com valores que podem oscilar entre 300 euros para um T1 e 600 euros para um T4. Este projeto poderá ser participado até 40 ou 50 por cento do rendimento familiar, o que ainda reduz, em muito, o valor do respetivo arrendamento. | SI



O Relojoeiro da Baixa

Três gerações a acertar o tempo dos lisboetas

Mesmo no coração da cidade, em plena Baixa, no número 133 da rua Áurea, José Vicente Knoblich, 62 anos de idade, nascido em Lisboa na freguesia de Benfica, mas de origem alemã, mantém viva a arte da antiga relojoaria, a acertar as horas dos lisboetas na loja de família “*Justus de Knoblich & C.*”

[texto de Sara Inácio | fotografia de Américo Simas]

Na sua pequena loja, com 16 metros quadrados, escada de caracol em madeira para a cave, que serve de armazém, conseguimos imaginar as horas passadas, de quem se debruça com a lupa monóculo, num olhar penetrante e atento, na reconstrução de máquinas que orientaram tantas e tantas vidas passadas.

As paredes estão decoradas com relógios antigos de caixa de madeira, dos mais diferentes estilos. As vitrines repletas de relógios de

coleção, muitos deles com a marca “Justus” (fabricada até 1950 e de que ainda hoje existe a matriz, continuando a ser cunhada nos mostradores de antigos relógios na firma “Santos e Nogueira”): de bolso, de pulso, de lapela, de pendurar ao pescoço, em forma de anéis, despertadores, onde uma bailarina rodopia no tempo, uma panóplia que nos remete ao tempo em que outros tempos alguém se guiou por eles.

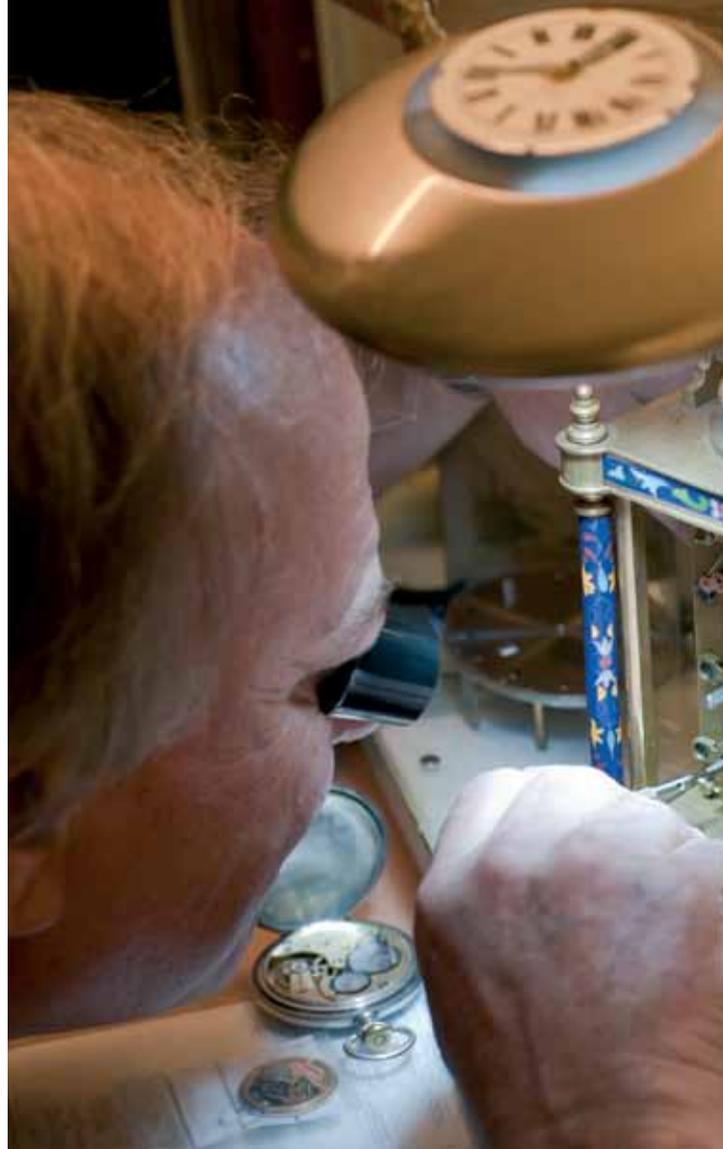
José Knoblich aprendeu a arte na escola da vida. Avô, pai, tio, todos relojoeiros, transmitiram-lhe o gosto e a sabedoria de reparar as complexas máquinas. Desde muito pequeno que ficava fascinado ao ver o pai, horas a fio, debruçado sobre a bancada da oficina. Foi com ele que aprendeu a profissão, e o seu olhar emocionado e vibrante, quando nos fala do pai e do avô, reflete o orgulho de ser relojoeiro.

“Sabe, são já três gerações nesta atividade. O meu avô adquiriu a “Casa Justus” no número 101 da Rua Nova do Almada, em 1820, que acabou, mais tarde, por sucumbir no incêndio do Chiado. Depois mudaram para aqui. Ele nasceu em Hamburgo, na Alemanha, e era um grande fabricante de cronómetros de marinha. Um dia veio a Portugal, com um primo, também relojoeiro, reparar um desses relógios no castelo de Palmela, o qual ainda hoje existe, e apaixonou-se por uma linda jovem da terra, com quem viria a casar, fixando-se em Lisboa”, confidenciou.

Desta união resultaram dois filhos: Henrique e Manuel Óscar Knoblich (este último pai de José), que também viriam a ser grandes relojoeiros em Lisboa e herdeiros da arte do avô. “O meu avô foi um relojoeiro muito considerado e um grande artista” confia-nos José. “Construiu um relógio em madeira trabalhada que ofereceu à rainha, na altura, e que está exposto no museu do Palácio da Ajuda. Assim como um outro, relógio astronómico, que fez para o Observatório Astronómico de Lisboa”, continua, num sorriso rasgado com olhar vibrante de orgulho.

A família, num prazo de 24 horas, foi expulsa de Portugal.

Na altura, o negócio dos Knoblich prosperava. A loja e uma fábrica na Baixa, com mais de 30 pessoas a trabalhar, fabricavam, montavam e reparavam relógios. Inesperadamente, o imprevisto aconteceu: a família, num prazo de 24 horas, foi expulsa de Portugal. Estávamos na Primeira Grande Guerra, e o avô, por ter identidade alemã, com os dois filhos muito pequenos e a mulher, foi obrigado



a fugir para Espanha. Aí permaneceu três anos em Huelva e mais três em Madrid. Mas, mesmo em tempo de guerra, as suas armas foram os relógios que continuou a reparar no país vizinho. Em Lisboa deixou tudo. A casa, a fábrica, os amigos. Foi um deles que ficou à frente do negócio, restituindo a “Justus” aos Knoblich quando lhes foi permitido regressar ao país. A amizade tem destas coisas.

A estória de vida é interrompida quando entra um cliente na loja: “Olá Zê, este parou duas vezes... vê lá o que é que se passa!” Entrega um relógio e sai apressado, sem qualquer papel que justifique a entrega. Os clientes já são antigos e confiam. “Sabe, já são mais amigos do que clientes, trazem-me todo o tipo de relógios, alguns de família. Neste momento estou a reparar um relógio de sala, de 1850, de corrente, com caixa em madeira trabalhada com o formato de uma igreja. Vou



a casa das pessoas”, conclui José Knoblich.

O fascínio da minúcia das peças é o que o mais encanta nesta profissão. Os filhos gostam de relógios mas não lhes “vai na alma” continuar a tradição. A “Justus” deve morrer com ele, que desde que terminou a tropa, em 1974, e com a morte do pai aos 73 anos, se encar-

regou de preservar o nome dos Knoblich na fina arte da relojoaria.

José Vicente, gosta de descobrir Lisboa. Diariamente faz o trajeto do elevador da Bica e, no percurso, visita todos os amigos ourives. Admira os relógios da cidade mas gostava que todos estivessem a trabalhar. Nunca chega a horas. 🕒

NOTE BEM ☺:

Relojoaria “Justus de Knoblich & C.”
Reparação de relojoaria antiga e de todos os tipos de relógios.
Rua Áurea, 133
1100-060 Lisboa
Horário: 9h30 às 13h00 e das 15h00 às 19h00
Encerra ao domingo
Tel.: +351 21 346 24 05

MATERIAIS DO RELOJOEIRO:

- torno
- máquina de lavar relógios
- chaves de parafusos,
- lupa ocular
- pinça
- chave de parafusos
- estojo de ponções
- cravadeira
- equilibrador de balanços
- estrampada para meter cordas.



LOJAS COM ALMA

Confeitaria Nacional

[texto de Luís Miguel Carneiro | fotografia de Luís Ponte]

Em dezembro de 1829 era inaugurada a Confeitaria Nacional, em estabelecimento térreo na esquina da Rua dos Correeiros com a Rua da Betesga (que parcialmente desapareceu, para dar lugar à Praça da Figueira).

Era seu proprietário Baltazar Rodrigues (ou Roiz) Castanheiro, um confeitoiro que se manteve à frente do negócio até à morte, em 1869. Sucedeu-lhe o filho mais novo, que levava o mesmo nome do pai, mas seria conhecido por Baltazar Júnior.

Durante a longa gerência de Baltazar Júnior, esta casa comercial conquistou o paladar dos lisboetas, contratando oficiais confeitoiros em Madrid e Paris e expandindo-se para o andar superior, onde se instalou um requintado salão, dividido em gabinetes, como era costume à época. O prestígio granjeou-lhe o disputado título de “Fornecedora da Casa Real” e prêmios nas exposições internacionais de Viena, Filadélfia, Paris e Lisboa. Estabelecimento de referência, não admira (para espanto dos clientes) ter sido um dos primeiros a ter iluminação a gás e a instalar um dos primeiros telefones de Lisboa – cujo aparelho ainda se mantém no local.





Naquela época, a Confeitaria Nacional oferecia, entre os seus confeitados, artísticas construções de açúcar e amêndoa, lampreias de ovos e, para comemorar os feitos de Mouzinho de Albuquerque, uns bolos de chocolate que se chamaram “gungunhanas”. Terá sido ainda Baltazar Júnior a introduzir em Portugal o “bolo-rei”, depois de uma visita a Paris, de onde trouxe a receita e o especialista confeitador Gregório, que faria fama em Lisboa. Em 1913, um neto do fundador ficou à frente dos destinos do estabelecimento, que ampliou no sentido da Rua dos Correios, onde se instalou a sala de chá que ainda existe. Foi também ele que estendeu o negócio da casa da confeitaria à pasteleria e iniciou a exportação de toda esta doçaria para o Brasil.

O estabelecimento ganhou tal fama que Gervásio Lobato fixou aqui a ação de uma das suas peças teatrais. Em 1940, o Presidente da República, Óscar Carmona, em sessão solene, atribuiu-lhe o diploma de Casa Centenária. Hoje, mais de 180 anos após a fundação, a Confeitaria Nacional continua nas mãos da mesma família e mantém inalterada a sua firme reputação como casa de chá (onde ainda se comem “scones”), de pasteleria e de confeitaria, com “trufas”, “sortidos” vários e, inevitavelmente, o seu famoso “bolo-rei”. 🍞



Contactos

CONFEITARIA NACIONAL

Pç.^a da Figueira, 18B
1100-241 LISBOA

Tel.: +351 21 346 17 29
confeitarianacional.com
info@confeitarianacional.com

Cuida do teu Bairro

A junta de freguesia dos Anjos, em parceria com o atelier do arquiteto Pedro Pinto Correia, criou a iniciativa “Cuida do teu Bairro”. Trata-se de um projeto de cariz cívico, iniciado no passado mês de julho, que irá prolongar-se até março de 2013, pretendendo apelar a comportamentos de preservação e respeito pelo espaço público e edifícios da cidade de Lisboa.



As mensagens são apresentadas sob a forma de ícones (do género da sinalética dos sinais de trânsito, tendo em consideração a característica multicultural desta área da cidade) e estrategicamente afixadas nas artérias da freguesia. Espera-se que, com esta campanha, se consiga aumentar a qualidade de vida dos habitantes e trazer mais turistas à zona. | CT

Hora do Conto em Carnide

Inserida na iniciativa “Animações de verão”, promovida pela junta de freguesia de Carnide, a terapeuta da fala e autora de livros sobre a gaguez, Mónica Gaiolas, dinamizou a **Hora do Conto** nas atividades de tempos livres de quatro escolas básicas da freguesia: Prista Monteiro, Bairro Padre Cruz, Luz e Telheiras.



Foi contada a história do livro “Ernesto, o menino com gaguez, em família”, de autoria da própria, através da qual foi explicado às crianças o que era a gaguez, procurando sensibilizá-las para a melhor forma de comunicar com alguém que gagueja, nomeadamente dar tempo à pessoa para falar e não completar as suas frases nem a interromper.

Estas ações decorrem durante os meses das férias escolares. | CT

Referendo em Campolide

O terreno baldio localizado na Av. Miguel Torga dará lugar a um novo espaço verde. A decisão foi tomada pelos moradores, no passado mês de julho, através de referendo local promovido pela junta de freguesia de Campolide, após a decisão da câmara municipal de Lisboa de desistir de um concurso público internacional para a construção de vários parques de estacionamento na cidade.



A ideia do referendo surgiu por sugestão de um morador da zona dada a indecisão entre a construção de um jardim ou de um parque de estacionamento.

A participação da população superou as expectativas: em 33% dos eleitores que participaram neste referendo, 67% optou pela construção do jardim.

A junta de freguesia de Campolide, que ficará responsável pela recuperação e gestão do espaço, conta com o apoio da CML na elaboração do projeto. | CT



A LAVAR ÁGUAS que lavam a cidade

Invisível aos olhos da maioria, uma malha de condutas escondida no subsolo expande-se por toda a cidade, debaixo de pavimentos e edifícios. Só a rede de coletores do sistema municipal de drenagem de águas pluviais e efluentes domésticos da cidade de Lisboa tem uma extensão de 1440 km – cerca de três vezes o comprimento de Portugal continental. Esta rede tem os seus guardiões: os homens das brigadas de saneamento da Câmara que zelam pela sua conservação e bom funcionamento, indiferentes a muito que assusta qualquer um.

[texto de Luís Miguel Carneiro | fotografia de Luís Ponte]

Para eles, este mundo de escuridão não tem segredos. Os maus cheiros não os incomodam. As baratas não os atrapalham; e mesmo as ratazanas – que são cada vez menos, já que as medidas do eterno combate para as controlar parecem estar a levar a melhor – não os surpreendem num encontro inesperado. “Eles” são os homens da brigada de inspeção

de coletores. A revista *Lisboa* acompanhou-os na rotina de uma manhã de verão.

Inspeccionou-se uma secção do Caneiro de Alcântara, em Campolide (ver caixa), descendo através de um dos seus 64 pontos de acesso. “Este trabalho é como fazer espeleologia”, dizem-nos. De facto, com aqueles capacetes com lanterna, como os dos mineiros, parecem intrépidos aven-

tureiros das grutas e cavernas. Está tudo bem nesta secção do Caneiro, onde há uma década se registou um acidente. Recentemente, obras de conservação e impermeabilização trouxeram uma nova estabilidade à estrutura. Mesmo assim, mantém-se a rotina de verificar as juntas dos anéis de betão, sifões, válvulas, descarregadores e outros equipamentos.

Mesmo em período de seca, o caudal é forte, precipitando-se vertiginosamente e com estrondo. Ninguém, em seu perfeito juízo, se atreveria a desafiar a voragem destas águas e atravessar o pego por seu pé.

Seguiu-se a inspeção a uma das cerca de 42 000 “caixas de visita” aos coletores, agora no Bairro da Liberdade. Levantada a pesada tampa da entrada, tem que se verificar se existe alguma obstrução que provoque entupimentos nas adjacentes manilhas de ligação aos coletores e aos ramais das redes de esgotos dos edifícios (existem na cidade cerca de 89 500 destes ramais). Não podendo um homem entrar nessas estreitas condutas, é tempo de colocar a tecnologia ao serviço da função: entra uma das três câmaras vídeo de que a brigada dispõe para o efeito, ligadas por cabo até ao monitor instalado no veículo devidamente equipado, onde olhos atentos perscrutam as húmidas e escuras tubagens.

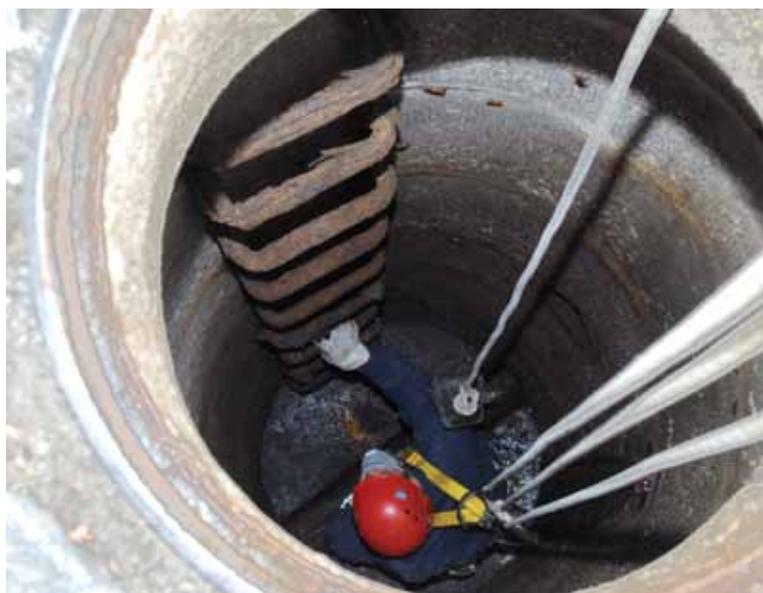
Quando uma obstrução é detetada, é tempo de entrar em ação a brigada de limpeza dos coletores. Esta brigada, de 23 elementos, realiza diária e rotineiramente operações de limpeza, como a que acompanhamos na zona de Belém. Aqui, uma das três viaturas especiais de que dispõe a autarquia, procede, numa “caixa de visita”, à sucção de todo o tipo de matéria sólida que se acu-

mula aí e nos coletores derivados. A força da sucção é tal que, em poucos minutos, todas as “lamas” do coletor até à “caixa de visita” seguinte são removidas para o enorme depósito do veículo. Simultaneamente, através de uma segunda mangueira, é injetada água no sistema (a uma pressão 25 vezes superior à máxima das torneiras de nossas casas), posto que o sistema de coletores, para poder funcionar, tem que manter água até ao nível superior dos sifões.

Paralelamente, procedeu-se também à limpeza de sarjetas e sumidouros das proximidades, recolhendo as “lamas” acumuladas nas caixas de decantação adjacentes, escondidas sob os passeios – limpeza que vem complementar aquela mais superficial que os cantoneiros de limpeza fazem, na caixa e grade do sumidouro. Em zonas baixas como esta, sujeita à influência das marés do estuá-

rio, de pavimentos de calçada empedrada, que geram escorrença de pedras e areias, e com uma grande concentração de restaurantes que alimentam o sistema com despejos de gorduras, estas operações de limpeza nunca podem ser descuidadas. Nem que, como foi o caso, um homem tenha que descer por uma “caixa de visita” de seis metros de profundidade, indiferente às baratas e aos cheiros. Devidamente protegido por fato especial, munido de aparelho detetor de gases (a deteção de determinados valores de metano, carbono ou sulfídrico impedem uma visita) e envergando um arnês que o prende por cordas a um tripé montado à superfície, poderá ser recolhido em segurança em poucos segundos, caso algo corra mal.

Numa cidade onde, ainda, existem coletores pombalinos em arco de alvenaria (em “saimel”) e onde 21 por cento dos coletores datam de anos



anteriores a 1919 – ano em que foram substituídos os mais antigos coletores em zonas históricas, ou “canos”, conhecidos desde a Idade Média e formados por estruturas de secção retangular chamadas “cascões”, em lajetas de calcário – importa reconhecer a importância do trabalho pouco visível destes homens, bem como da modernização da rede e do sistema (de que as obras terminadas no ano passado no Terreiro do Paço são exem-



plo, tornando possível, pela primeira vez, que todos os efluentes sejam tratados nas estações, evitando a poluição do estuário do Tejo).

Quanto ao trabalho dos homens da Câmara, estamos conversados: nós vimos; não é uma missão cumprida, mas é uma missão que se cumpre todos os dias. Águas que lavam a cidade, condutas que levam as águas, homens que lavam as condutas. Quanto à modernização da rede e do sistema, passamos o testemunho aos golfinhos que, após muitos anos de ausência, voltaram para brincar nas águas do Tejo. 🌊

O Caneiro de Alcântara

Até ao século XVIII, a Ribeira de Alcântara - nos seus dez quilómetros que vão da Damaia até ao Tejo, junto à atual Gare Marítima de Alcântara - era, a acreditar nas gravuras que nos chegaram, lugar bucólico e aprazível, onde vinham as lavadeiras com trouxas de roupa, pastores com rebanhos de ovelhas e burgueses ociosos com farnel. Durante a construção do Aqueduto das Águas Livres, procedeu-se ao emparedamento da secção mais próxima da ribeira, com inclinados muros de alvenaria, para se tentar domesticar as torrentes caudalosas da invernia e evitar danos nas fundações da gigantesca estrutura Joanina. Tarefa inglória, pois as águas persistiam em galgar as margens e inundar os campos quando chovia demais, pelo que, um século depois, se retomava a colmatagem e emparedamento das margens.

No final dos anos 30 do século XX, como a ribeira funcionava já

como conduta de esgoto a céu aberto da sua vasta bacia de drenagem, decidiu-se o seu encanamento desde a Falagueira (no atual concelho da Amadora, junto às Portas de Benfica), passando por Benfica, Campolide e Vale de Alcântara (onde jaz sob a Avenida de Ceuta), numa obra que se prolongou pela década de 40, com recurso ao betão mas aproveitando as anteriores paredes de alvenaria nalgumas secções. As dimensões das secções transversais são muito variáveis (existem dez de tamanhos diferentes), geralmente entre os 4,6 e os 8 metros, na largura, e os 3 e os 5,1 metros na altura. Pela mesma altura, encanou-se também a Ribeira de Sete Rios, que vem confluir nesta outra por alturas de Campolide.

Ao longo dos seus dez quilómetros, o Caneiro debita as águas pluviais da vasta bacia de drenagem da Ribeira de Alcântara (a maior das mais de vinte bacias

naturais existentes nos limites da cidade, cobrindo 2200 hectares de área em Lisboa, para além de outros 1000 hectares no concelho da Amadora) e ainda os efluentes domésticos canalizados por mais de 300 coletores principais, numa rede que se prolonga por 250 km de condutas e coletores. Atualmente, o Caneiro de Alcântara integra a rede de um dos principais sistemas de saneamento da cidade, confluindo para a Estação de Tratamento de Águas Residuais de Alcântara, gerida pela SIMTEJO (as outras duas estações são as de Beirolas e de Chelas). Serve 750 000 habitantes das zonas central e ocidental de Lisboa e de zonas dos concelhos de Oeiras, a juzante, e Amadora, a montante, absorvendo ainda os efluentes do antigo sistema de drenagem do centro da cidade, que desaguava no Cais das Colunas, numa vasta área que se estende por 37 km², tratando em média 180 000 m³ de efluentes / dia.

Orquestra Geração

como instrumento de inclusão social

Mais de 900 crianças de bairros municipais de todo o país compõem a *Orquestra Geração*, um projeto educativo que surgiu para combater problemas de exclusão social como o absentismo ou o abandono escolar nas crianças e jovens. Neste projeto, destinado a escolas do 1º, 2º e 3º ciclos, as crianças têm a oportunidade de aprender a expressar-se através da música, de experimentar instrumentos diferentes, de desenvolver o espírito de equipa e de autodisciplina, bem como de descobrir as suas potencialidades.

[texto de Mafalda Ferraz | fotografia de Américo Simas]



A *Orquestra Geração (OG)* tem como modelo o Programa das Orquestras Sinfónicas Infantis e Juvenis da Venezuela, sistema de ensino que visava, essencialmente, a integração social de crianças e jovens vindos de bairros onde imperava a marginalidade e onde o tecido familiar era muito frágil. A criação de uma orquestra pretendia, assim, aumentar a autoestima das crianças e jovens, alargar os seus horizontes e promover a criação de laços de maior afetividade à escola.

Em Lisboa, participam no projeto as escolas do ensino básico Arquiteto Gonçalo Ribeiro Telles (Ajuda) e Alexandre Herculano (Bairro da Boavista), envolvendo um total de 72 crianças no ensino dos instrumentos de corda e de sopro, sob a direção do professor Wagner Diniz e coordenação peda-

gógica da Escola de Música do Conservatório Nacional. O projeto é cofinanciado pelo Fundo Social Europeu – FEDER, no âmbito do QREN – PORLisboa, e pelo Ministério da Educação, que assumiu os encargos com os professores.

As escolas têm-se apresentado individualmente e participado - por escola ou em conjunto - em estágios



de preparação para concertos públicos, e em apresentações que reúnem várias orquestras, num total de 21 eventos, como o II Concerto da Juventude, no Cinema S. Jorge, ou o concerto realizado no Pátio da Galé no âmbito das últimas comemorações do 10 de junho.

Este ano será introduzido o naipe de sopros na escola Arquiteto Gonçalo Ribeiro Telles e criado o núcleo de percussão no Agrupamento de Escolas das Olaias, prevendo-se que as primeiras apresentações públicas da OG, nas escolas e nas comunidades, tenham lugar na época de natal. À semelhança do ano anterior, está prevista a terceira edição do Concerto da Juventude, bem como diversas atividades de formação em estágios de natal e verão. 🎻

Princesa da Holanda assiste a concerto da Orquestra Geração

No passado dia 2 de outubro a OG Lisboa realizou mais um concerto na escola sede do Agrupamento Francisco de Arruda no âmbito do lançamento do livro juvenil “Mr. Finney e o Mundo de pernas para o ar” da autoria de Sua Alteza Real (SAR) Princesa da Holanda, Valentine Von Oranje. Contém uma mensagem sobre educação para a sustentabilidade.

A sessão de boas vindas teve início com a interpretação de algumas músicas pelos alunos e contou com a presença de SAR Princesa da Holanda e da escritora Isabel Alçada.

O livro apresenta ilustrações do premiado artista holandês Sieb Posthuma.



Feira de Verão anima Bairro do Armador

O Bairro do Armador, mais concretamente a Praceta Bento Gonçalves, foi palco de uma animada Feira de Verão, que decorreu no início de setembro. Esta iniciativa, de cariz comunitário, recriou o ambiente típico dos bairros tradicionais da cidade. A decoração e arranjo do local esteve a cargo das crianças e jovens da Casa das Cores e do Projeto de Inclusão Social de Crianças e Jovens do Armador (PISCJA), com o resultado final a merecer elogios pela beleza e originalidade.

O evento contou com atuações musicais de artistas do panorama nacional e local e com cinema ao ar livre, com destaque para a exibição de uma curta-metragem sobre a origem e vivência do Bairro do Armador, protagonizado pelos seus moradores e realizada pelo Projeto Intervir, da junta de freguesia de Marvila.

Quem ali se deslocou teve igualmente oportunidade de apreciar a maquete elaborada para o Bairro, que resultou de uma reflexão conjunta sobre as obras em curso nos espaços públicos. Do somatório das ideias resultou uma visão única de partilha muito direcionada para a estima pelo Bairro. INC



Lisboa na imprensa internacional

I RB

A imprensa internacional continua a referenciar Lisboa como um destino de eleição para quem, ao viajar, procura uma cidade de emoções, acolhedora no seu coração, boa para passeios sem destino marcado. Ao som do fado e das suas emoções, e com o prazer da boa mesa.

Duas agências noticiosas, a *France Presse* e a *EFE* Brasil, visitaram a Mouraria e relatam o popular bairro a deixar para trás a parte má do passado, associada à toxicoddependência e prostituição, mas mantendo a tradição e servindo-se dela para o seu renascimento. Para tal, refere-se, está em marcha um conjunto de programas: apoio aos empreendedores e comércio local, criação de equipamentos de saúde e sociais, renovação urbanística e diversificada programação cultural.

É dado destaque ao trabalho da Associação Renovar a Mouraria, apoiado pela Câmara de Lisboa, nomeadamente às *Visitas Cantadas*, onde o fado é o guia para o visitante descobrir o bairro multicultural, onde vivem e convivem portugueses, indianos, paquistaneses, africanos e chineses.

É também sobre o fado que versa o trabalho de Lis Fleming, para a Agência *QMI*, do Canadá. Depois de uma breve história da canção de Lisboa, fala-se das boas práticas do ouvir o

fado: de como entender as palavras, mesmo desconhecendo a língua, e sentir a melancolia que as guitarras portuguesas, “em forma de lágrima”, transmitem.

O *ABC News* incita os seus leitores a visitar Lisboa, pelo seu charme do Velho Mundo, com ruas labirínticas e os *amarelos* da Carris. No desenvolvimento, dá especial relevo à culinária, a tradicional e a mais vanguardista, com elogiosas críticas ao trabalho dos *chefs* lisboetas e à decoração dos mais modernos restaurantes.

Frank Bruni, do *New York Times*, é já um amigo de Lisboa, que visita com frequência. Da primeira visita, destaca a surpresa saborosa de um passeio até ao Castelo, sem roteiros ou mapa, “guiado” apenas pelo mosaico preto e branco da calçada portuguesa e pela riqueza de cores dos azulejos nas fachadas, como jóias caprichosas.

Em novas e demoradas visitas, o jornalista descobre, ele também, os novos restaurantes e hotéis e locais como a *Lx Factory*, o antigo espaço industrial em Alcântara, com as suas lojas e galerias, e a livraria *Ler Devagar*, que lhe recorda, com as suas escadas, rampas e passadiços, uma gravura de Escher.

Mas é nas suas descrições de Lisboa como uma cidade acolhedora para os viajantes com o prazer da errância, que os liberta de roteiros obrigatórios e opressivos, que o seu artigo é mais impressionante. Sente-se o fluir vagaroso do tempo, nos passeios, entre o recolhimento numa igreja e a esplanada com música contemporânea.

E a cada momento, nos miradouros sobre as colinas, o horizonte rasgado sobre os telhados e o abraço ao azul do Tejo. Locais entre árvores e uma cerveja, onde se encontra a companhia para partilhar o olhar. Em Lisboa, escreve, “as expectativas são por rotina excedidas e o acaso joga a favor de quem a visita”. I RB



I LP

Só para espantar a Solidão

“Ninguém pode achar que falhou a sua missão neste mundo, se aliviou o fardo de outra pessoa”. Esta citação de Charles Dickens enquadra bem a missão de um grupo especial do Regimento de Sapadores Bombeiros. É a razão de ser da sua formação, em 2008.

[texto de Luís Figueiredo | fotografia de Luís Ponte]

Ninguém como a equipa do Núcleo de Intervenção Social de Apoio ao Cidadão (NISAC) convive tão de perto com tragédias pessoais de quem perdeu tudo num incêndio, numa explosão, numa derrocada de um prédio, numa inundação. Histórias que alimentam páginas de jornais e revistas, conversas no café do bairro, na paragem do autocarro, mas que se esquecem depois de assentar o pó, depois de apagado o fogo, depois das câmaras e dos microfones se desligarem. É então que o verdadeiro drama destes “sobreviventes” começa.

Idosos, sós, doentes, incapazes de se defender, de fazer valer os seus direitos, que tantas vezes desconhecem, contam com a ajuda deste grupo de intervenção no terreno, agentes de proteção civil e parceiros pró ativos na esfera do “socorro preventivo”.

Identificam e encaminham para as entidades competentes situações problemáticas na vertente do apoio social, tantas vezes detetadas em ações de rotina pelas equipas que respondem aos pedidos de “abertura de porta com socorro”, casos em que as pessoas saíram e deixaram o fogão ligado, crianças sozinhas, ou idosos acamados que deixam de responder aos vizinhos e familiares.

Após estas intervenções, a equipa do NISAC desloca-se novamente ao local para, de



forma mais atenta e personalizada, verificar a eventual necessidade de uma intervenção especializada, tendo especial atenção às condições gerais de segurança das habitações. Disponíveis 24 sobre 24 horas, este grupo de primeira intervenção especialmente vocacionado no âmbito psicossocial, sabe que a sua presença, por vezes a única companhia dos cento e trinta mil idosos de Lisboa é, em alguns casos, suficiente para responder aos pedidos de “socorro encapotado”, só para espantar a solidão. 📞

linha gratuita e permanente
808 215 215

Zé Pedro, lisboeta da noite ao dia

Numa entrevista a dois momentos, numa esplanada à beira rio, em Santa Apolónia, e no terraço do Hotel Chiado, com o Castelo em frente e a Baixa aos pés, o músico do Xutos & Pontapés traçou-nos o mapa da sua vida e a vida de Lisboa no seu mapa.

[texto de Luís Miguel Carneiro | fotografia de Cláudia Teixeira]

[Revista Lisboa] José Pedro Reis. És lisboeta?

[Zé Pedro] Sou. Nascido na Lapa, no Hospital Militar da Estrela. Vivi três anos em Timor, dos 3 aos 6 anos, depois voltámos para cá, ainda andámos um bocado tipo saltimbancos. Éramos sete irmãos, na altura estávamos cinco. Fomos parar aos Olivais, que na altura ainda estava em construção. Aquilo ainda era um bocadinho deslocado, um subúrbio em relação a Lisboa.

[L] Isso quando?

[Z] Devia ter os meus doze, treze anos, nasci em 56. Aquilo estava tudo em construção e fomos lá parar. A cidade ficava longe dos Olivais. Aquilo acabou por ser um bairro um bocadinho fechado. Havia muita malta nova e muitos, como eu, viviam nos prédios dos oficiais e andavam no Co-

légio Militar ou no Instituto de Odivelas. Havia aquelas festas de fim de semana em que o pessoal se reunia e não havia muito a necessidade de vir ao centro de Lisboa.

[L] E o liceu?

[Z] Andei no Padre António Vieira, no Camões e no D. Dinis, mais tarde. Foi nessa altura que comecei a sair dos Olivais, a descobrir a noite, o *underground* lisboeta.

[L] Lembro-me, por essa altura, do Paulo Morrison, que também era dos Olivais e depois trabalhou com vocês nos Xutos, dizer que vinha a Lisboa. Parava no Areeiro, que era o primeiro poiso na cidade para quem vinha dos Olivais...

[Z] Ele era dos Olivais Norte. O Areeiro surgiu mais tarde, na cervejaria Munique, onde ia toda a gente à noite. Normalmente, com os meus amigos, arriscá-

vamos mais: apanhávamos o 8, direitos ao Martim Moniz.

[L] Que era o fim da carreira...

[Z] Era o fim da carreira. Depois seguíamos até ao Rossio, íamos aos cinemas dali da zona, ver como paravam as modas. Nunca vínhamos sozinhos, vínhamos em grupo, sentíamos-nos mais protegidos. Com a vinda dos retornados, essa zona ficou um bocado mais “barra pesada” e eu tinha atração pelo *bas fond*. Vinha ver aquelas coisas, a malta a comprar o haxe e o boi...

[L] Nessa altura, não conheste o Bolero, na Rua de São Lázaro?

[Z] Não, nunca lá fui. As minhas primeiras saídas à noite foram para o Zodíaco, na Infante Santo. Era um bar muito “prá frentex”. Depois, comecei a ir para o Brown’s, ali por trás da Avenida de Roma, junto ao

drugstore Tuttimundi. Aquilo era um fascínio, o primeiro drugstore de Lisboa! Era avançadíssimo! Mas não passava, afinal, de um simples centro comercial.

[L] Era esse e era o Apolo 70, que antes do 25 de Abril tinha os hippies e rusgas da polícia à procura de droga.

[Z] Pois, esse era outro antro mas, no meu tempo, aí era mais para irmos ao cinema. Lá lá muito. Acabei por ver lá “A Vida de Brian”, dos Monty Python, que foi um filme marcante. Comíamos ali ao balcão, era um culto. E havia o Caleidoscópio, mas a esse ia poucas vezes, ficava mais fora de mão.

[L] Depois andaste a bater a Avenida de Roma uma série de anos. A primeira vez que tenho ideia de te ter visto foi por volta de 1977, 78, no Vává.

[Z] Andei por aí anos. Porque entretanto comecei a andar com uma rapariga, que era sobrinha da Amália e morava por ali, e o grupo todo encontrava-se entre o Vává e o Tic-Tac, onde conheci o Paulo Nozolino, fotógrafo fantástico e que era uma das grandes figuras que lá parava, o Zé Trabucho, que agora trabalha em publicidade, e essa gente que andava na Escola de Cinema, como o Luís Costa, filho do realizador Luís Filipe Costa...

[L] ...a voz do 25 de Abril. E que também lá parava, como outros da geração ainda anterior, como o escritor Diniz Machado, do “O Que Diz Molero”.

[Z] Íamos muito para casa do Luís Costa. Foi lá que ouvi o primeiro álbum dos PIL, que o

Zé Trabucho trouxe de Londres. Depois entrei nalguns filmes deles, curtas-metragens... O Nozolino ainda me deu umas fotografias onde apareço como ator, mas perdi-lhes o rasto. Na altura era ele que trazia de Londres as histórias dos punks em primeira mão, como é que eles eram. Ele era amigo do Joe Strummer, o vocalista dos Clash. Estava mesmo no coração dos acontecimentos, isto por volta de 1978.

[L] Ainda tu não tinhas uma banda.

[Z] Pois, os Xutos só arrancam em 79. Mas andava muito com os Faísca, que era a banda do Pedro Aires Magalhães.

[L] Que também parava no Vává.

[Z] Parava. A mãe morava na Avenida Estados Unidos da América. A Avenida de Roma, nessa altura era o centro, onde tudo se concentrava, toda a gente andava ali. Ainda não havia o Frágil...

[L] E o João Cabeleira também lá morava.

[Z] Morava. Mas eu conheci primeiro os Sétima Legião, que também ensaiavam por ali e a gente ouvia do Vává. Quando conheci o João, os Xutos já existiam.

[L] O João e o Gui tocavam na banda do Gimba, os Vodka Laranja. Ainda há fotografias



deles a ensaiarem por cima da Suíça, no Rossio.

[Z] Foi lá que o encontrámos. Nós precisávamos de um guitarrista e andámos de olho no Gimba, mas ele tinha outros projetos. Foi lá alguém nosso e viu que o João era um grande guitarrista. Veio ele e também o Gui, como músico convidado para acompanhar umas músicas. Desde então fiquei amigo deles. Com o João era diário. Íamos no VW dele para o Rock Rendez Vous e depois para a noite, para o Bairro Alto, que começava a estar na onda, com o Frágil, o Juke Box, depois o Rock House...

[L] Antes disso não havia nada para nós no BA, para além do fascínio com os candeeiros tipo lanterna. A malta da Avenida de Roma não conhecia nada da cidade antiga...

[Z] Mas a verdade é que também fomos dos primeiros da nova vaga.

[L] Lembras-te do Zé da Guiné, o mítico porteiro da noite do BA?

[Z] Então não me lembro!? Até me lembro dele antes, porteiro no Alga, ao pé do Tuttimundi.

[L] Onde íamos beber umas cervejas antes de irmos para o Brown's...

[Z] Pois, as cervejas lá eram mais baratas. O Brown's era a coisa mais “prá frentex” que havia, mesmo musicalmente. O DJ era o João, um tipo muito porreiro.

[L] E o Frágil, quando abriu, tinha aquela porteira que também cantava, a Anamar. Para além do Alfredo, claro.

[Z] E depois foi a Margarida

Martins, que às vezes não nos deixava entrar. Tinha que mandar chamar o Manuel Reis.

[L] Ainda nessa altura do Vávã: tu davas-te com aqueles mais antigos que lá paravam, o Luís Villas Boas e o Duarte Mendonça, do Cascais Jazz, os cineastas Lauro António e Fernando Lopes?

[Z] Tive alguma comunicação. Claro que eles eram mais velhos e eu não era ali da zona. Mas eles achavam-me graça. Eu era punk na altura (e não havia muitos), aparecia lá com um alfinete espetado na boca, deviam-me achar uma figura cinéfila e então cumprimentavam-me. Ainda no outro dia encontrei lá o Lauro António, que me desafiou para fazer lá uma tertúlia. E dava-me com o filho do Fernando Lopes, o Sumol...

[L] Que era um fotógrafo entusiasta dos Xutos...

[Z] Depois, o Bairro Alto é que começou a ser o centro. As noitadas no BA eliminavam a possibilidade de passagens diurnas pelos cafés. Um gajo tinha que se poupar para a noite. Depois do Bairro ainda se descia ao Cais do Sodré, para se passar pelo Tóquio ou pelo Jamaica. Depois abriu o Plateau, que foi uma coisa que mexeu. A gente já conhecia o Pedro Luz da Avenida de Roma e do Brown's e a entrada no Plateau tornou-se fácil. Depois abriu também o Kremlin e havia um vai-vem entre os dois e a zona de Santos começa a ser até ao nascer do sol, e depois lá ia de óculos escuros para casa.

[L] Ficaste fã da zona, não foi?

[Z] Pois. O Alex dos Rádio Macau desafiou-me para abrimos o Johnny Guitar e foi uma aventura que ainda durou dez anos. Foi um grande sucesso, anos muito intensos com bandas ao vivo (o Rock Rendez Vous já tinha fechado) Foi lá que comecei a minha atividade de DJ. Passei a ficar por ali e a abandonar o resto da cidade.

[L] Na altura, onde é que moravas?

[Z] Morava na Estefânia, uma zona muito simpática. Morei em várias casas nessa zona, nesses anos. E depois, o que é que me aconteceu mais?

[L] Tiveste um problema de saúde.

[Z] Ah, pois. Tive um problema de saúde. Aí as noites ficaram em suspenso. Deixei de beber, deixei de fumar, deixei as drogas e a noite passou a ter um interesse diferente. Deixei de circular tanto à noite.

[L] Passaste a fixar-te mais. Entretanto abriu o Lux.

[Z] O Lux sempre foi uma discoteca fascinante e ainda hoje o é. O Manuel Reis é uma figuraça, que teve a visão de abrir o Frágil e de o deixar na altura certa, mudando-se de armas e bagagens cá para baixo e abrindo o Lux, que foi sempre a discoteca *avant garde* de Lisboa. É uma coisa moderna e marcante na noite lisboeta, para várias gerações.

[L] Mas também, agora, não sais muito à noite.

[Z] Só quando há coisas que me chamem, como as atuações ao vivo ou de DJ's no Lux. Às vezes também vou ao Cais do Sodré, o Alex abriu o Music

Box e vou tocar lá, ou ver umas bandas tocar, ou uns DJ's interessantes.

[L] E novidades? Para além dos Xutos, tens outra banda...

[Z] Para já, em outubro, temos um concerto dos Xutos em Angola, e estamos a gravar umas coisas novas para um disco que assinala os 35 anos da banda, para o ano. O Kalu também está a gravar o disco dele. Toco nos Ladrões do Tempo, e também estamos a gravar. Ainda há tempos atuámos no Ritz Clube, reaberto após anos de encerramento e degradação.

[L] E o Cais do Sodré com a rua dos bares fechada ao trânsito? Já foste à Pensão Amor? Ora aí está uma novidade!

[Z] Ainda não fui. Já me falaram que vale a pena. Mas a zona está com um movimento porreiro. Dantes, para a malta, era só o Tóquio e o Jamaica, nem entrávamos nos outros. Agora, com a rua fechada, aquilo é percurso completo.

[L] Sem noitadas, ficas por onde?

[Z] Fico mais pelas tardes no Chiado, que é uma zona muito apetecível, que conseguiu recuperar muito bem do incêndio. Acompanhei sempre aquilo de perto, porque sou amigo do Vítor Silva da Associação de Comerciantes do Chiado e que chegou a ser nosso *manager*. Foi uma evolução muito interessante. Vou jantar muitas vezes a uns restaurantes ali ao pé do São Carlos.

[L] Das zonas históricas e tradicionais de Lisboa, é a zona mais europeia da cidade.

[Z] Sim, talvez sempre tenha

sido. As grandes lojas estiveram sempre lá. Depois do incêndio, quando abriu a FNAC, voltaram antigas lojas e juntaram-se as das grandes marcas, que dão um cunho europeu à zona, com o pessoal no passeio a andar de um lado para o outro. Hoje em dia está fabuloso, com as esplanadas sempre cheias. Mesmo em agosto, há sempre coisas a acontecer, até na estação de metro do Chiado, onde fui responsável por um programa de animação e aquilo parecia o Metro de Paris, uma grande *movida*.

[L] Também o Bairro Azul e a Duque d'Ávila estão agora mais amigas do peão...

[Z] Sim, aquilo está muito bem. E não só, também a recuperação do Intendente é amiga do peão. Como sabes, fomos tocar noutro dia no Largo do Intendente e fiquei muito agradado. Até a recuperação do edifício onde está o presidente Costa é excepcional, aquilo levou tudo uma recuperação brutal!

[L] Nunca tinhas imaginado vir a tocar no Intendente?

[Z] Nunca tinha imaginado. Mas é bom, a recuperação da cidade vai-se vendo, está a ser bem gerida, com a abertura de todos esses *hostels*, que trazem vida e sustentação económica aos bairros. São medidas inteligentes pois, entre estrangeiros e portugueses, começa a ver-se de novo gente nova nas zonas antigas da cidade.

[L] E o que pensas da programação artística e cultural no espaço público?

[Z] Gosto, sobretudo, das Festas da Cidade, de ver concer-

tos e espetáculos um pouco por toda a cidade. É bom depararmos com esses “palcos-surpresa” onde acontece sempre alguma coisa. Também me agradam as atuações de DJ's e concertos nos jardins, como no verão acontece com o jazz no Jardim da Estrela e noutros. São coisas que se fazem com muito pouco dinheiro mas que fazem toda a diferença. A abertura da cidade a estes eventos é uma coisa extraordinária nestes tempos tão difíceis.

[L] Até porque essa animação é boa para o turismo e para a dinamização económica da cidade...

[Z] Claro. Ainda há pouco passei pelo Terreiro do Paço e aquilo está com um ótimo movimento. Dantes não havia nada, querias uma esplanada e não havia, só o estacionamento dos ministérios. Agora há restaurantes, comércio a toda a volta, coisas a acontecer. Uma coisa boa para esta cidade é abrir-se ao rio. Dantes era só armazéns na zona ribeirinha. Agora temos vistas fabulosas, oferta cultural, movimento, gente a andar de bicicleta e a fazer desporto...

[L] Nós somos de uma geração em que, quando jovens, não valia a pena ficar em Lisboa de junho a outubro, porque não havia nada para fazer.

[Z] Então em agosto a cidade estava completamente fechada, era um desespero cá ficar. Hoje em dia, das cidades que eu conheço no mundo inteiro, Lisboa é impressionante, brutal. A luz, os bairros, o rio, o mar, o clima, a variedade de sítios... Comes bem em Lisboa, és bem tratado, o que é que queres mais? Acho que qualquer estrangeiro que cá vem fica passado com a cidade.

[L] E os miradouros, tens ido? Agora estão arrançados, têm quiosques e esplanadas.

[Z] Não tenho ido. Tirando o de Santa Catarina, pois adoro ficar a “jiboiar” no jardim do Adamastor. Há tantas vistas fabulosas na cidade que nem é preciso ir aos miradouros. Ainda há uns meses, vieram cá tocar os Titãs no Rock in Rio, e depois fomos todos jantar ao Chapitô. Aqueles brasileiros estavam passados com a vista. Mas eu agora bebia era mais um chá gelado para apreciar as vistas daqui. E tu? 🍹



“Emprega o Futuro” atua na Alta de Lisboa

O Departamento de Desenvolvimento Social, da autarquia, é parceiro do projeto “Emprega o Futuro”, promovido na Alta de Lisboa, que acompanha 251 jovens, com idades compreendidas entre os 6 e os 18 anos, na sua maioria portugueses, mas também cabo-verdianos, angolanos e são-tomenses.



Centra a sua intervenção na promoção de estratégias que facilitem a transição dos jovens para a vida ativa, envolvendo-os num processo que promova e melhore as suas competências para a empregabilidade. Procura também intervir na capacitação dos jovens, como cidadãos ativos e participativos, apoiando os seus projetos locais e melhorando a suas competências empreendedoras. Promove, igualmente, a inclusão digital dos jovens e adultos a partir de atividades que estimulam a utilização das novas tecnologias. | SI

Video e fotografia promovem intervenção comunitária nos bairros

“Reconstruindo a História do Nosso Bairro” é um projeto comunitário da responsabilidade da GEBALIS, empresa municipal de gestão dos bairros municipais, junto dos bairros da Quinta das Laranjeiras e Casal dos Machados, o qual visou aproximar as populações, jovens desocupados e com poucos recursos, idosos isolados, através da fotografia e do vídeo, por forma a promover as relações de vizinhança no seio da Comunidade.



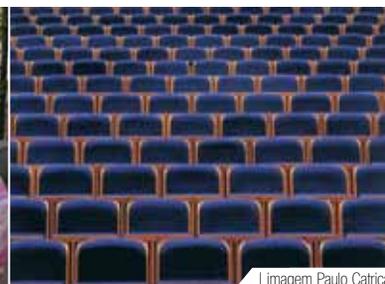
Este programa que teve início no mês de maio no âmbito das comemorações do Dia Europeu do Vizinho, realizou uma exposição itinerante de fotografia a preto e branco, recorrendo à pesquisa e recolha dos mais diversos elementos e testemunhos sobre a história dos bairros.

A exposição esteve patente até ao dia 21 de setembro na Biblioteca Municipal David Mourão Ferreira, no bairro do Casal dos Machados, data em que foi exibido o primeiro vídeo do projeto, seguido de uma sessão de debate, através do qual se pretendeu estimular o diálogo, sobre o bairro, enquanto comunidade. | SI

Companhia Nacional de Bailado

apoiá Aldeias de Crianças SOS

A Companhia Nacional de Bailado promove um **Ensaio Geral Solidário** a favor das Aldeias de Crianças SOS, com o apoio da autarquia, o qual terá lugar no dia 25 de outubro, pelas 21h00 no Teatro Camões em Lisboa. Com um



| Imagem Paulo Catrica

programa de Anne Teresa Keersmaeker, artista convidada da cidade de Lisboa, este evento tem como principal objetivo promover solidariedade e apoiar as Aldeias de Crianças SOS, à semelhança de outros ensaios da CNB que antecedem as estreias e que visam abraçar projetos vivos no apoio a quem, de alguma forma, está limitado na sua qualidade de vida. Mais espetáculos em: <http://www.cnb.pt/gca/?id=909> | SI



AUTOR LOGÓTIPO OP'12: Rui Baialista

Orçamento Participativo a votos

Está em curso a fase de votação dos projetos apresentados pelos cidadãos no Orçamento Participativo de Lisboa (OP LX). Até ao final do mês de outubro pode conhecer todos os projetos no Portal Lisboa Participa www.lisboaparticipa.pt e escolher dois da sua preferência, um até ao montante de 150 mil euros e outro até ao montante de 500 mil euros.

Pode utilizar o seu computador pessoal ou, em alternativa, procurar apoio no posto de atendimento municipal no edifício central da CML do Campo Grande nº 25.

Para poder votar basta inscrever-se no site indicado e escolher aqueles que considerar serem os melhores para cidade.

Esta iniciativa municipal permite a qualquer pessoa, com mais de 18 anos, apresentar uma proposta para a cidade e assim decidir sobre o destino a dar a uma parte do orçamento municipal anual. O processo teve início com a entrega das propostas pela internet ou nas Assembleias Participativas (organizadas para o efeito) e, numa segunda fase, foram selecionadas e transformadas em projetos nos quais os cidadãos podem depois votar. Os projetos vencedores são inscritos no orçamento da autarquia do ano seguinte, a fim de virem a ser concretizados.

O OP LX tem assistido, desde o seu início, em 2008, a uma crescente adesão, verificando-se ano após ano um aumento significativo na colaboração dos cidadãos, quer no número de registos no Portal da Participação, quer no número de votantes. Nesta 5ª edição foram introduzidas algumas novidades face às edições anteriores, com destaque para o alargamento do período de votação, de 30 para 45 dias e para a possibilidade de escolher dois projetos em função do seu valor monetário. Assim, o montante global do OP LX 2012 será dividido em dois grupos de projetos: para os projetos até 150 mil euros está atribuída uma verba de 1,5 milhões de euros, para os projetos até 500 mil euros está prevista a verba de 1 milhão de euros. **Participe!** IFP

Vote! Através do Portal lisboaparticipa.pt

De 17 de setembro
a 31 de outubro de 2012

Nós Fazemos!

+ informações
www.lisboaparticipa.pt
www.facebook.com/lisboaparticipa
808 203 232

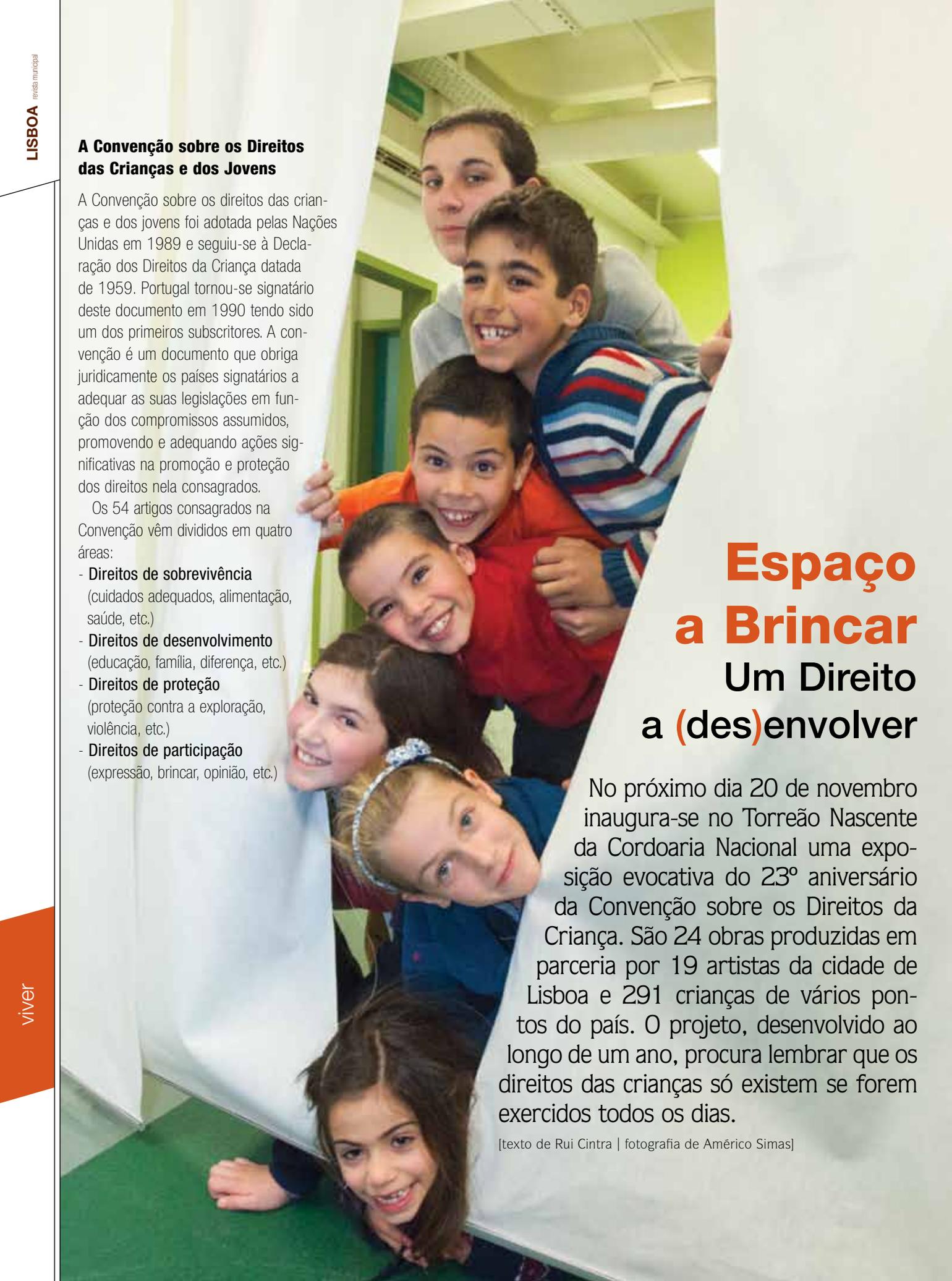


A Convenção sobre os Direitos das Crianças e dos Jovens

A Convenção sobre os direitos das crianças e dos jovens foi adotada pelas Nações Unidas em 1989 e seguiu-se à Declaração dos Direitos da Criança datada de 1959. Portugal tornou-se signatário deste documento em 1990 tendo sido um dos primeiros subscritores. A convenção é um documento que obriga juridicamente os países signatários a adequar as suas legislações em função dos compromissos assumidos, promovendo e adequando ações significativas na promoção e proteção dos direitos nela consagrados.

Os 54 artigos consagrados na Convenção vêm divididos em quatro áreas:

- **Direitos de sobrevivência**
(cuidados adequados, alimentação, saúde, etc.)
- **Direitos de desenvolvimento**
(educação, família, diferença, etc.)
- **Direitos de proteção**
(proteção contra a exploração, violência, etc.)
- **Direitos de participação**
(expressão, brincar, opinião, etc.)



Espaço a Brincar Um Direito a (des)envolver

No próximo dia 20 de novembro inaugura-se no Torreão Nascente da Cordoaria Nacional uma exposição evocativa do 23º aniversário da Convenção sobre os Direitos da Criança. São 24 obras produzidas em parceria por 19 artistas da cidade de Lisboa e 291 crianças de vários pontos do país. O projeto, desenvolvido ao longo de um ano, procura lembrar que os direitos das crianças só existem se forem exercidos todos os dias.

[texto de Rui Cintra | fotografia de Américo Simas]

“Tem sido uma experiência excelente”. “Aprendemos muitas coisas novas”. “Fizemos novos amigos”. “Nunca esperei que corresse tão bem”. “Não sabia que era capaz de fazer uma obra de arte”. Quem diz isto são algumas das 291 crianças que participaram no projeto *Um direito a (Des)envolver* promovido pela equipa do Espaço a Brincar (ver caixa). Ao longo de um ano vários artistas da cidade de Lisboa, 19 mais precisamente, orientaram ateliês criativos em expressões diversas como escultura, pintura, fotografia, azulejaria, teatro, vídeo, modelagem, com o objetivo de materializar os vários direitos da criança em expressões artísticas onde fossem as próprias crianças e jovens as principais mentoras do projeto. Segundo a coordenadora do Espaço a Brincar Luísa Távora: “sempre entendemos que não era possível criar um projeto para crianças e jovens sem que eles estivessem envolvidos”.

Foi assim que, há cerca de um ano, o convite foi lançado a alguns artistas que mostraram vontade de trabalhar com crianças e jovens, alguns deles com ateliês de trabalho nos espaços dos Coruchêus. Uns passaram a palavra a outros e rapidamente se formou um grupo de 19 artistas. Com as crianças aconteceu o mesmo. O desafio começou por ser lançado no *facebook* do Espaço a Brincar, pelos meios de divulgação da CML e seguiu de boca a ouvido, de escola

em escola. De repente eram já 291 crianças, de vários pontos do país, envolvidas num processo criativo e de trocas intergeracionais. “Em janeiro começámos a trabalhar a sério. Os artistas foram sensibilizados para o projeto e fizeram a viagem pelos direitos no Espaço a Brincar assim como as crianças e os jovens, ficaram a conhecer-se e formaram os grupos de trabalho”, conta Luísa Távora.

O resultado deste processo onde cada grupo decidiu os direitos que queria ver materializado, as técnicas de expressão escolhidas, os métodos de trabalho e a reflexão em torno da obra a realizar, ficou pronto em meados de junho. “Fiquei surpreendida com os resultados, ultrapassou largamente as nossas expectativas. O produto é importante, mas mais importante é o processo. O modo como as crianças operaram as transformações dos direitos em matéria criativa. Houve laços de amizade que se formaram entre as equipas. Hoje encontram-se para visitarem exposições, para almoçar, e isso é excelente. O produto final é o que as pessoas vão visitar na exposição”, acrescenta a coordenadora deste projeto.

E o resultado aí está, a partir de dia 20 de novembro, na galeria do Torreão Nascente da Cordoaria Nacional, dia em que se celebra o 23º aniversário da Convenção dos Direitos da Criança. A entrada é livre. 📍

ESPAÇO A BRINCAR

Nascido em 2007 inspirado no artigo 42º da Convenção sobre os Direitos da Criança (CDC), o Espaço a Brincar é um projeto lúdico-educativo que tem por objetivos gerais:

- Dar a conhecer os princípios e as disposições da CDC às crianças, jovens e adultos;
- Consubstanciar os princípios e as disposições da CDC em boas práticas;
- Facilitar a construção do conhecimento de uma comunidade para o desenvolvimento em rede.

Nesse sentido desenvolveu um programa dirigido a crianças, jovens e adultos (técnicos das áreas da infância e juventude) de sensibilização e promoção do conhecimento dos direitos consagrados na CDC através de uma viagem pelos vários grupos de direitos facilitando a sua apropriação e interiorização.

Contacto para marcações:

Espaço a Brincar - Uma Viagem pelos Direitos da Criança

Urbanização Vale de Alcântara, lotes 4 a 6

Bairro da Liberdade | 1070-165 Lisboa

Tel.: +351 21 817 06 50/ 6

LER 25 ANOS FILMES

DEBATES TERTÚLIAS CONCERTOS CONCURSOS FILMES ENTREVISTAS CONFERÊNCIAS
EXPOSIÇÕES FEIRA DO LIVRO PROGRAMAS DE RÁDIO CONTADORES DE HISTÓRIAS

CINEMA SÃO JORGE * LISBOA

4 A 9 DEZEMBRO '12

Para celebrar os seus 25 anos, a revista LER prepara o primeiro festival: seis dias de cruzamentos entre cinema e literatura, numa parceria com a EGEAC e a Câmara Municipal de Lisboa. De 4 a 9 de dezembro, as portas do Cinema São Jorge estarão abertas para a exibição de 25 filmes adaptados de obras literárias, de 1950 até aos dias de hoje — com curadoria de Pedro Mexia — bem como outras atividades.

João Pombeiro, diretor da revista LER, mostrou-se bastante entusiasmado com a celebração dos 25 anos da sua revista, afirmando que não poderia haver melhor forma de assinalar este momento. “Depois de um ano em que lançámos várias iniciativas, como o concurso 15/25 para jovens talentos ou o ciclo de conferências LER em Voz Alta, associámo-nos ao Cinema São Jorge para produzir o primeiro festival LER, neste caso sob o mote “25 anos, 25 filmes”.

Para além dos filmes, “teremos debates com escritores, realizadores e outras personalidades que fazem parte da história da LER, conferências, tertúlias, programas de rádio (como o Prova Oral, de Fernando Alvim, com alguns dos mais jovens escritores portugueses), sessões de contadores de histórias, uma feira do livro organizada pela Bertrand Livres, concertos de escritores-músicos, como são os casos de Jacinto Lucas Pires e Afonso Cruz, uma conversa de Carlos Vaz Marques com um dos principais nomes da literatura portuguesa, uma exposição permanente de fotografias que marcaram as mais de cem edições da LER, entre outras iniciativas que serão reveladas oportunamente”, explica João Pombeiro.

O festival vai ter uma periodicidade anual e pretende inserir-se no panorama dos festivais internacionais de cinema relacionados com a promoção da literatura e a adaptação literária. Ver programação em <http://ler.blogs.sapo.pt/tag/festival%20ler> | MF

Os filmes:

Matar ou Não Matar, Nicholas Ray, 1950 · O Desconhecido do Norte-Expresso, Alfred Hitchcock, 1951 · O Americano Tranquilo, Joseph Mankiewicz, 1958 · Deus Sabe Quanto Amei, Vincent Minnelli, 1958 · Viridiana, Luis Buñuel, 1961 · O Leopardo, Luchino Visconti, 1963 · O Evangelho Segundo São Mateus, Pier Paolo Pasolini, 1964 · Uma Mulher Doce, Robert Bresson, 1969 · Uma Abelha na Chuva, Fernando Lopes, 1971 · Effi Briest, Rainer Werner Fassbinder, 1974 · A Marquesa de O, Eric Rohmer, 1976 · Tess, Roman Polanski, 1979 · Nostalgia, Andrei Tarkovski, 1983 · Gente de Dublin, John Huston, 1987 · Vidas em Fúria, Stephen Frears, 1987 · A Morte de Empédocles, Danièle Huillet e Jean-Marie Straub, 1987 · Barton Fink, Joel Coen, 1991 · O Dia do Desespero, Manoel de Oliveira, 1992 · Os Americanos, Robert Altman, 1993 · Balas sobre a Broadway, Woody Allen, 1994 · O Estádio de Wimbledon, Mathieu Amalric, 2001 · A Esquiva, Abdelattif Kechiche, 2004 · A Corte do Norte, João Botelho, 2008 · Poesia, Lee Chang-dong, 2010



BRASIL
PORTUGAL
AGORA



(Re)descobrir o Brasil

O Ano de Portugal no Brasil e o Ano do Brasil em Portugal pretende ser uma ponte de estreitamento dos laços seculares que unem os dois países. Desde o dia 7 de setembro de 2012, Dia do Brasil, e até ao dia 10 de junho de 2013, Dia de Portugal, decorrem nos dois lados do Atlântico inúmeras iniciativas culturais e empresariais, com o objetivo comum do conhecimento mútuo para além das novelas e do samba, do fado e das caravelas.

Em Portugal, as comemorações decorreram entre os dias 21 e 23 de setembro, com o festival literário *Leya no Rossio* e atuações de artistas brasileiros e portugueses que animaram Lisboa, entre o Rossio e o Terreiro do Paço, destaque para o concerto de Ney Matogrosso.

Com uma vasta programação, o Ano do Brasil em Portugal abrange encontros literários

de autores brasileiros e portugueses, festival de gastronomia com *chefs*, atuação de companhias brasileiras (teatro, dança, música e circo), homenagens a grandes nomes da música brasileira como Caetano Veloso, Chico Buarque e Djavan, e apresentação de algumas das festas populares do Brasil (algumas com raízes portuguesas, como por exemplo o Carnaval e a festa Junina).

Na *Lx Factory*, em Alcântara, foi criado o *Espaço Brasil*, um espaço cultural montado especialmente para esta iniciativa, que oferece música, exposições, palestras, workshops, audiovisuais, gastronomia e outras atividades. São dez meses de intercâmbio cultural que decorrem em Lisboa, Porto, Guimarães, Coimbra, Sintra e Faro, nos principais teatros, museus e praças. Mais informações em: <http://www.anobrasilportugal.com.br> 136



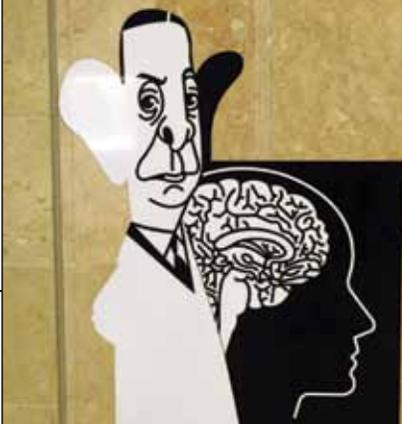


A caricatura chegou ao Metropolitano de Lisboa. António, premiado caricaturista e reconhecido pelo seu traço acutilante, desenhou um conjunto de figuras portuguesas para a nova estação do Aeroporto de Lisboa. “Foi a primeira vez que a caricatura teve um lugar de destaque com esta dimensão”, explica o autor da obra. Ciente da importância deste momento, o Museu Bordalo Pinheiro considerou oportuno associar-se, expondo alguns dos estudos que o autor desenvolveu para chegar às representações definitivas que, uma vez passadas à pedra, deram lugar aos painéis.

[texto de Mafalda Ferraz | fotografia de Luís Ponte e Américo Simas]

A nova estação de metro do Aeroporto tem pelas paredes personagens bem conhecidas do público português: Fernando Pessoa, Amália Rodrigues, Eusébio, Carlos Paredes, Raul Solnado, Sophia de Mello Breyner, Paula Rego são alguns dos exemplos. Ao todo são 50 figuras, desenhadas em pedra cortada a laser, com mármore, preto e branco, incrustados em pedra lioz. “O material foi muito bem pensado e tendo já trabalhado com ele, sabia que o resultado seria muito bom”, refere o cartoonista.

A partir de um trabalho realizado pelo desenhador em 2006, que envolvia 109 desenhos, surgiu o convite para este projeto inovador, mas com limites de espaço, pelo que houve necessidade de selecionar 80, que numa segunda fase foram reduzidos para 50. “No início não tinha noção que este trabalho seria para uma estação de metro mas foi um acaso feliz. Este tipo de animação encaixa muito bem com as portas de Lisboa que é o aeroporto da Portela”, adianta António Antunes.



Quanto à exposição patente no Museu Bordalo Pinheiro “A Viagem”, para além dos estudos de Antônio, é também apresentado um conjunto de fotografias que documentam todo o processo técnico que se seguiu ao processo criativo. São também expostos alguns documentos que foram fontes de inspiração a que o artista recorreu, reunindo um conjunto diverso de suportes gráficos que permitem uma melhor perceção de todo o itinerário feito pelo caricaturista.

Sobre os cartoons preferidos diz que Carlos Paredes, Vieira da Silva, Amália e Fernando Pessoa foram mais exigentes “por ser necessário encontrar um caminho diferente dos que já existem. Na caricatura de Carlos Paredes, julgo que consegui transmitir a envolvimento do músico com a sua guitarra. Vitorino Nemésio, Júlio Pomar, Almada Negreiros, Cesariny, são outros exemplos. Houve personagens em que andei muito às voltas e a ideia inicial foi bastante diferente do resultado final”.

Antônio mostrou-se bastante satisfeito com o resultado do trabalho: “É parte da nossa história e da nossa cultura representadas nas paredes”, afirma. 📍

Contactos



Galeria do Museu Bordalo Pinheiro

Campo Grande, 382
Exposição patente de 27 de julho
a 31 de outubro de 2012

Horário:
Terça feira a sábado, das 10h00 às 18h00
Encerra ao domingo, segunda feira
e feriados

Entrada gratuita





LISBOA STORY CENTRE abriu portas

ICT

Foi inaugurado, no dia 11 de setembro, o Lisboa Story Centre - Memórias da Cidade, um centro de interpretação instalado no Terreiro do Paço que, a partir de agora, revela muito da história lisboeta aos visitantes nacionais e estrangeiros.

O equipamento estende-se ao longo de dois pisos do Torreão Nascente, numa área de 2200 metros quadrados, proporcionando uma visita de cerca de uma hora, orientada por audioguia (disponível em 10 línguas e versão infantil). Os seis núcleos temáticos são: “Lisboa, Mitos e Realidades”, “Lisboa, Cidade Global”, o Terramoto do dia “1 de novembro de 1755, o dia de Todos-os-Santos”, “A Visão de Pombal” e “O Terreiro do Paço”, no piso térreo, e “Lisboa Virtual”, que inclui uma maquete interativa do centro da cidade, no piso superior.

A obra de adaptação do espaço e de instalação de equipamentos esteve inteiramente nas mãos de empresas portuguesas e custou cerca de 3 milhões de euros, esperando-se que venha a receber a visita de 300 mil visitantes / ano,

dos quais 70% estrangeiros. Deverá promover passeios e circuitos turísticos na cidade e uma maior oferta educativa aos estudantes (está desde já incluído no roteiro do Passaporte Escolar, promovido pela Câmara). O bilhete de entrada custa nove euros. ILMC

LISBOA STORY CENTRE
TERREIRO DO PAÇO, 78/81
LISBOA

Vale
todos os dias
das 10h às 20h

10% desconto
na compra de um
bilhete

*não acumulável com outras promoções

LISBOA 

9600800403091 28012

À conversa com André Sardet... No Museu da Marioneta

Museu da Marioneta
Convento das Bernardas
Rua da Esperança, 146
1200-660 Lisboa
Telefone +351 21 394 28 10
e-mail museudamarioneta@egeac.pt
www.museudamarioneta.egeac.pt
Horário
Terça a domingo, das 10h00-13h00
e das 14h00-18h00
Encerra: Segunda

Compositor e cantor, André Sardet conta já com 16 anos no universo da música portuguesa. Autor de vários sucessos musicais como “O azul do céu”, “Foi feitiço” e, mais recentemente, “Roubo-te um beijo”, André deixou-se levar, por uns instantes, pelo mundo mágico das marionetas.

[texto de Mafalda Ferraz | fotografia de Ana Luísa Alvim e Américo Simas]

“O museu fez-me viajar até à minha infância, altura em que me recordo de ver os primeiros espetáculos de marionetas, no centro de Lagos, quando ia de férias com os meus pais.” Embora reconheça que a marioneta não faça parte do imaginário da sua geração, Sardet acredita que esta “arte de proximidade com a sociedade e com a atualidade, era uma forma muito interessante de animar as pessoas, de as fazer sonhar mas, ao mesmo tempo, havia

também alguma intervenção social, e isso foi pena ter-se perdido”.

Dotado de um riquíssimo espólio, o Museu da Marioneta é o primeiro, e único, espaço museológico em Portugal inteiramente dedicado à interpretação e divulgação da história da marioneta. Percorremos com André Sardet a história desta fascinante forma de arte, tendo a oportunidade de observar uma das mais completas coleções de marionetas

tradicionais portuguesas e a famosa coletânea de Francisco Capelo, que reúne um vasto conjunto de marionetas e máscaras africanas e do sudeste asiático. O cantor acha o Museu da Marioneta um ótimo local para levar os filhos: “se pensarmos bem, as marionetas são os desenhos animados de antigamente e é interessante mostrar-lhes também a perspetiva de como as coisas evoluíram”.

Natural de Coimbra, aos 14 anos já cantava em bares e aos 17 estudava engenharia mecânica e compunha canções. Foi nessa altura que sentiu que a música tinha uma importância maior na sua vida, mais do que imaginava – “era o meu desabafo, o meu equilíbrio, até o meu antidepressivo”, comentou. Quando percebeu que tinha material suficiente para gravar um disco, assinou um contrato com uma editora e, em 1996, editou o seu álbum de estreia “Imagens”. Nos anos seguintes editou mais dois álbuns mas foi com “Acústico”, em 2006, que Sardet arrebatou o público português com o enorme sucesso do disco, que alcançou o primeiro lugar do top de vendas nacional, com 150 mil cópias vendidas e o galardão de oitava platina. “Sinto-me muito realizado, muito feliz e completo enquanto músico; olho para trás e sinto que conquistei um espaço na música portuguesa e ao mesmo tempo tentei, em termos pessoais e humanos, dar alguma coisa à sociedade.” Ao longo da sua carreira, André Sardet esteve sempre lado a lado com projetos de solidariedade e de consciencialização para a importância da reciclagem e poupança de energia.

André, que vive em Coimbra, é um apaixonado pela beleza da cidade de Lisboa onde passa muitas vezes o fim de semana com a família. “Andamos pela rua e acabamos sempre por ter ótimos restaurantes, excelentes esplanadas e espetáculos sempre a acontecer. É uma cidade muito viva e tem sempre algo que fazer e é isso que acho interessante. Adoro os terraços dos hotéis, têm uma vista fantástica e acho que Lisboa é uma cidade em que podemos sair sem destino”. Lisboa fica à espera. 🍷





Errata:

Por lapso no número anterior, no artigo "Príncipe Real - Nobreza e Sedução", páginas 2 e 3, não foi mencionado o fotógrafo Armindo Ribeiro. No mesmo artigo, onde se lê "Facto Lab" deverá ler-se "Facto Royale".

Na página 38, onde se lê "... terreno camarário nas Olaias..." deverá ler-se "... terreno camarário nos Olivais...". Pelo(s) facto(s) apresentamos as nossas desculpas aos leitores.

Correio dos Leitores

Opinião e sugestão sobre revista municipal - LISBOA

Recebi esta tarde a vossa, e nossa, revista. Já a li, de "cabo a rabo", sem parar e no resto da tarde. Isto diz tudo! Os meus parabéns e agradecimentos.

No final li a notícia Grandes Veleiros-Lisboa 2012. Lá irei.

Aqui vai uma sugestão : O Tejo viu partir grandes navegadores portugueses. Um deles foi Fernão de Magalhães. Superou Cristovão Colombo ao passar do Atlântico para o Pacífico até ao Oriente. A travessia do estreito que tem o seu nome é considerada "o maior feito da história naval de sempre" (v. Over the edge of the world - L. Bergreen). Tem o seu nome em duas nebulosas no hemisfério Sul (a grande e a pequena "nuvem de Magalhães"). A NASA deu o seu nome a uma das suas sondas espaciais. É quanto basta para Lisboa dar o seu nome a uma das suas novas artérias no Alto do Lumiar, por ex. (junto ao aeroporto teria significado....).

Mais uma vez as minhas felicitações (pela revista, tão simples quanto útil e agradável de ler).

E os meus agradecimentos pelo acolhimento e sequência que derem à sugestão.

José A. Varela / email

Revista Lisboa

Cumprimentando-os, informo-lhes que em estada em Lisboa, no mês de julho último, ao visitar o Museu do Design, recebi exemplar da LISBOA - REVISTA MUNICIPAL nº 1, abril de 2012.

Ante a qualidade temática e expositiva, como jusmunicipalista, interessei-me em acompanhar suas publicações futuras.

Sendo a revista trimestral, provável é que a edição nº 2 haja circulado. Busquei na Internet, entretanto, somente consegui identificar a edição primeira.

Agradeceria a V. Exas. orientação no sentido de informarem-me o site próprio da Revista ou outro que permitisse o desiderato.

Geraldo Duarte / email

Fortaleza - Ceará - Brasil

A revista Lisboa convida os seus leitores a manifestar as suas opiniões ou comentários sobre os conteúdos da revista ou outros assuntos.

Podem enviar as suas mensagens para leitores@cm-lisboa.pt ou por correio postal para:

Revista Lisboa, Departamento de Marca e Comunicação
Rua Nova do Almada, 53, 1º
1200-288 Lisboa.

As cartas poderão ser editadas ou abreviadas por necessidade de clareza ou espaço.

CONTACTOS ÚTEIS

Centro de Atendimento ao Município

Telefone: 808 203 232 | município@cm-lisboa.pt

Câmara Municipal de Lisboa

Morada: Paços do Concelho - Praça do Município, 1149-014 Lisboa
Telefone: 21 323 62 00 | gab.presidente@cm-lisboa.pt
www.cm-lisboa.pt | www.facebook.com/camaradelisboa

Edifício Central do Campo Grande I CML

Morada: Campo Grande, 25, 1749-099 Lisboa
Telefone: 21 798 80 00

LX Alerta I Na minha rua

Número azul: 808 203 232

Número de Socorro Municipal

808 215 215

RSB - Regimento de Sapadores Bombeiros

Morada: Av. D. Carlos I, 1249-071 Lisboa
Telefone: 21 817 14 30 | rsb.gc@cm-lisboa.pt

Polícia Municipal

Morada: Rua Cardeal Saraiva, 1070-045 Lisboa
Telefone: 21 722 52 00 | Número Azul: 808 202 036 | pm@cm-lisboa.pt

S.Ó.S. Lisboa

Número verde: 800 204 204

NESTA POUPANÇA O PRAZO É SEU.



Montepio **Poupança Complementar**



Montepio

Valores que crescem consigo.

Às vezes dava-nos jeito que as nossas poupanças ficassem mais uns aninhos no banco, ou pelo contrário, que não tivéssemos de esperar tanto para as levantarmos. Pois bem, na **Poupança Complementar** do Montepio, quem decide prazos é o Associado. Nesta modalidade mutualista, os Associados têm a poupança disponível ao longo da sua vida e sempre com rendimento garantido. O mínimo de subscrição é de 150€, sendo possível optar por subscrições livres ou subscrições programadas, a partir de 12,50€ por mês.

TORNE-SE ASSOCIADO. JUNTE-SE À MAIOR ASSOCIAÇÃO MUTUALISTA DO PAÍS.

Não dispensa a leitura dos Estatutos e Regulamento de Benefícios do Montepio Geral – Associação Mutualista.

808 20 26 26 (atendimento personalizado das 07h00 à 01h00).

www.montepio.pt



Lisboa com vista para mais de 130 canais

Veja se a fibra da Vodafone já chegou à sua rua em www.vodafone.pt.

power to you

Ligue
808 91 91 91

